

Vinculação e funcionamento psicológico em vítimas de violência no contexto de um relacionamento amoroso

Andreia Isabel de Almeida Azevedo

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof.^a Doutora Ana Albertina Fernandes Palheiros Conde

Maio, 2018



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Andreia Isabel de Almeida Azevedo

**Vinculação e funcionamento psicológico em vítimas de violência no
contexto de um relacionamento amoroso**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para
obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Prof.^a
Doutora Ana Conde

Departamento de Psicologia e Educação

Maio, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

AGRADECIMENTOS

“Podemos passar inúmeras dificuldades, e ter de batalhar muito para alcançar certos objetivos e, ainda assim, morrermos na praia. Podemos deixarmo-nos consumir pelo trabalho, e perder noites de sono ou deixar de passar finais de semana com a família apenas por que temos extrema necessidade de conseguir recursos para mantermos uma vida digna, ou amargarmos um período obscuro de desemprego. Podemos assistir a injustiça bater à nossa porta e perceber, infelizmente, que em algumas ocasiões não há absolutamente nada a fazer. Podemos chorar com o coração partido a perda da pessoa amada ou de um ente querido. Podemos, por tanta coisa negativa que aconteça, julgarmos que tudo sempre dar errado connosco e maldizermos nossa sorte. Depois de tudo isto até podemos deixar passar pela cabeça a estúpida ideia de fazer uma grande besteira consigo mesmo, desde que seja exatamente assim: que tal ideia passe – e nunca mais volte, por que a Vida é Superação!

Nós não nascemos andando, não nascemos falando, nem pensando tanta bobagem - e o que não podemos em hipótese alguma é perdermos o ânimo, o espírito, e nossa capacidade de amar, de se superar e de viver.” Augusto branco

E chegando ao fim de mais um importante capítulo, importa para mim agradecer a todos aqueles que estiveram ao meu lado nesta longa, demorada e dura caminhada. Em primeiro lugar não poderia deixar de agradecer às duas pessoas mais especiais da minha vida: aos meus pais. Obrigada meu pai, mesmo longe deste-me o teu apoio e amor incondicional nesta caminhada. A ti agradeço o teu esforço e sacrifício para que tudo isto hoje fosse possível. Obrigada mãe, por todos os dias teres permanecido ao meu lado. Obrigada por nunca me deixares desistir, quando as forças já eram poucas. Obrigada a ambos por terem permanecido ao meu lado nesta caminhada que em momento algum foi fácil. A saúde não ajudou, mas a vitória não tardou e aqui estamos nós.

Obrigada à minha Keiko e à minha Miyuki. As parceiras de quatro patas de todos os dias. Minha cadela e minha gata, o meu amor por vocês duas não tem fim. A vossa linda companhia nos dias em que estudar implicava uma cama e medicação. Mas ao

meu lado estavam vocês duas. A beleza da inocência e genuinidade do vosso amor é estonteante. Minhas eternas companheiras.

Obrigada à minha orientadora, professora Ana Conde. Agradeço com todo o carinho, todo o seu profissionalismo, todo o seu rigor, todo o seu acompanhamento. Jamais esquecerei igualmente, as palavras de apoio que me deu nesta dura caminhada, palavras essas que ajudaram a nunca desistir e a manter sempre a minha motivação. Em muitos momentos, mais do que uma orientadora, foi o meu apoio para que eu terminasse aquilo que tinha iniciado com tanto carinho: a minha dissertação.

Obrigada às melhores das melhores: as minhas melhores amigas e às minhas irmãs. Soraia, Catarina, Cristina minhas irmãs o vosso apoio foi imprescindível. Foram a minha força, o meu apoio neste processo. Daniela, Márcia, Christelle e Lipa obrigada pela amizade, força. Márcia, tu que nunca deixas-te o teu apoio de lado. Fizemos esta caminhada juntas, conseguimos as mesmas vitórias e agora mais uma. Daniela, em pontas separadas da Europa mas juntas sempre. Obrigada, pela melhor amiga que és.

Obrigada aos meus avós. A todos vós, que individualmente, me deram um pedacinho de sabedoria que me fez chegar aqui. Aos meus avós maternos agradeço o colo em todos os momentos de luta. Esta conquista não é minha, é nossa. A ti meu avô Armindo, partiste a meio desta fase mas acredito que estás a acompanhar tudo à tua maneira. Obrigada pela tua sabedoria, recordo todos os dias as tuas sábias palavras, o teu dom da escrita.

Obrigada ao meu Gonçalo, ao meu Afonso e à minha Margarida. Meus pequenos. Os vossos sorrisos tornaram todos os dias maus em dias bons. Vocês coloriram cada dia cinzento. O vosso genuíno carinho, fez-me querer lutar sempre mais.

Por fim, e de um modo geral, o meu obrigada a todos aqueles que caminharam carinhosamente ao meu lado. A todos os familiares e amigos. A todos os que de uma forma direta e indireta participaram no estudo. A todos os que me permitiram chegar aqui.

De coração cheio!

RESUMO

A violência doméstica é um fenómeno que possui, para a vítima, um conjunto de impactos que vão para além das consequências físicas. A literatura na área permite verificar que a experiência de vitimação influencia e é influenciada pelos padrões de vinculação da vítima relativamente ao agressor, bem como a capacidade de mobilizar adequadamente estratégias de resolução de problemas (e.g., Allison et al., 2008; Godbout et al., 2016; Hare, Miga, & Allen, 2009; Rizo, 2015). Este estudo teve como objetivo analisar a vinculação amorosa e as estratégias de resolução de problemas de mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso. Recorrendo a uma amostra de 57 mulheres vítimas de violência (psicológica, física e sexual), recrutadas em casas abrigo e gabinetes de apoio à vítima, avaliou-se os constructos recorrendo a um Questionário sociodemográfico, Questionário de experiência de vitimação, Questionário de vinculação amorosa e ao Questionário de resolução de problemas. Os resultados do estudo demonstram que em 64,3% dos casos o agressor era um ex-companheiro e que a violência psicológica era o tipo de violência mais prevalente a prevalecer, seguindo-se da violência física. Relativamente às estratégias de resolução de problemas, os resultados mostraram que as vítimas tendiam a mobilizar estratégias de planificação e resolução de problemas quando o agressor é o atual companheiro, comparativamente às mulheres cujo agressor era o ex-companheiro. Os padrões de vinculação amorosa que mais se evidenciaram foram os padrões Desinvestido (n=18) e Seguro (n=17). Não se verificaram neste estudo associações entre os padrões de vinculação e as estratégias de resolução de problemas. Em suma, traz um conjunto de implicações práticas, tais como uma ampliação da compreensão da importância dos vínculos amorosos nas relações abusivas e conseqüentemente o seu impacto ao nível da resolução de problemas. Este acresce da sua importância aquando a intervenção junto de mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso.

Palavras-chave: violência doméstica; relações abusivas; vinculação amorosa; resolução de problemas.

ABSTRACT

Domestic violence is a phenomena that has, for the victim, na impact that goes beyond the phisical consequences. The literature in the area allows us to verify that the victimization influences and it is influenced by the victims attachment patterns to the offender, as well as the ability to properly mobilize problem-solving strategies (e.g., Allison et al., 2008; Godbout et al., 2016; Hare, Miga, & Allen, 2009; Rizo, 2015). This study aimed the analysis of romantic attachment and problem solving among women victim of violence by a romantic partner. Using a sample of 57 women victim of violence (psychological, physical and sexual), recruited in women shelters and victims of violence support centers, the central constructs were evaluated using a Demographic questionnaire, a Victims experiential questionnaire, the romantic attachment questionnaire and the problem solving questionnaire. The results of this present study show that in 64,3% of the cases, the offender was an ex partner and also show that the psychological violence is the most prevalent, followed by physical violence. Regardind to the problem-solving stretagies, the results show that the victims tended to use problem solving and planing strategies when the offender is the actual partner, compared to the other victims wich the offender was the ex-partner. The romantic attachment styles that became more evindet were the Dismissing (n=18) and Secure (n=17). In this study, there were no linkage between the attachment patterns and the problem-solving strategies. In sum, this study has a number of practical implications, such as a broader understanding of the importance of loving relationships in abusive relationships and consequently their impact on problem solving. This adds to its importance when intervening with women victims of violence by the loving partner.

Key-words: Domestic violence; abusive relationships; romantic attachment; solving problems.

Índice

INTRODUÇÃO.....	9
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL.....	12
1 – CARACTERIZAÇÃO DO FENÓMENO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL A NÍVEL MUNDIAL, EUROPEU E NACIONAL.....	13
2 - VINCULAÇÃO AMOROSA EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTTO DE UMA RELACIONAMENTO AMOROSO.....	18
3 – ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO.....	30
4 – VINCULAÇÃO AMOROSA, RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO.....	36
MÉTODO.....	44
CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	45
Instrumentos de avaliação.....	47
Questionário Sociodemográfico.....	47
Questionário de Experiência de Vitimação.....	47
O Inventário de Resolução de Problemas.....	48
Questionário de Vinculação Amorosa – QVA.....	49
PROCEDIMENTOS.....	51
Procedimentos de investigação.....	51
Procedimentos de análise estatística.....	53
RESULTADOS.....	54
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	65
Limitações do estudo.....	72
Conclusão e implicações práticas do estudo.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico.....	80
Anexo II – Questionário de Experiência de vitimação.....	84

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Caracterização sociodemográfica da amostra</i>	46
Tabela 2 - <i>Caracterização do Agressor e da Frequência e Continuidade dos Maus-Tratos (N = 57)</i>	54
Tabela 3 - <i>Caracterização do tipo de violência perpetrada</i>	55
Tabela 4 - <i>Caracterização processo de Queixa/Denúncia</i>	56
Tabela 5 - <i>Vitimação anterior e cuidados hospitalares decorrentes dos Maus-Tratos</i> .	57
Tabela 6 - <i>Estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa cujo agressor é o atual vs ex-companheiro: MANOVAs</i>	58
Tabela 7- <i>Associação entre as estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa: Correlação de Pearson</i>	59
Tabela 8- <i>Análise de Clusters</i>	60
Tabela 9- <i>Comparação das participantes com diferentes protótipos de vinculação amorosa relativamente às estratégias de resolução de problemas: MANOVA</i>	61

LISTA DE SIGLAS

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

GNR – Guarda Nacional Republicana

IRP – Inventário de Resolução de Problemas

PSP – Polícia de Segurança Pública

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

INTRODUÇÃO

A violência conjugal tem nos últimos anos, merecido a atenção da comunidade científica (e.g., Allison et al., 2008; Godbout et al., 2016, 2009; Hare, Miga, & Allen, 2009; Rizo, 2015; Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012; Wei & Mallinckrodt, 2003). O foco na temática advém do seu impacto a múltiplos níveis (e.g. físico, psicológico, social) podendo acarretar consequências de curto, médio e/ou longo prazo.

Uma análise minuciosa das inúmeras estatísticas (mundiais, europeias e nacionais) permite-nos corroborar o crescimento deste fenómeno. No âmbito da violência doméstica, a violência conjugal é a que tem vindo a assumir uma maior prevalência. Considerando que, na sua maioria, as vítimas são do sexo feminino, verifica-se que, a nível mundial, cerca de 42% das mulheres sofreram em algum tipo de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo (OMS, 2014). A nível europeu, registaram-se que cerca de 22% das mulheres a sofrer em algum momento das suas vidas de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro. Em Portugal uma em cada três mulheres (32%) já sofreu algum tipo de abuso psicológico perpetrado por um parceiro amoroso (FRA, 2014). Relatórios nacionais evidenciam que, no ano de 2016, foram registadas nos órgãos policiais cerca 32.507 ocorrências por violência doméstica, sendo que, destas ocorrências, 32.360 correspondem a situações de violência no âmbito duma relação conjugal (onde o agressor é o cônjuge, ex-cônjuge, namorado ou ex-namorado) e 83,8% dizem respeito a vítimas do sexo feminino. É a violência psicológica que assume maiores proporções em termos da tipologia de abuso correspondendo a 82% das ocorrências, seguindo-se a violência física que regista valores a rondar os 70%.

A violência perpetrada por um parceiro amoroso tem assumido um vasto conjunto de designações, tais como, violência doméstica, maus tratos conjugais ou violência conjugal. Considerando que a violência perpetrada por um parceiro amoroso constitui apenas uma das formas de violência que integra o crime de violência doméstica, optou-se por uma denominação mais específica – violência conjugal. Assim por violência conjugal, entende-se todo o tipo de violência (física, psicológica, verbal e sexual) perpetrada por um parceiro ou ex-parceiro (namorado, companheiro, cônjuge) no âmbito de uma relação amorosa (APAV, 2000).

No sentido de aumentar os conhecimentos acerca da violência conjugal e seu impacto psicológico para a vítima, o presente estudo procurou compreender a

associação entre este fenómeno e os padrões de vinculação ao par amoroso, bem como a sua relação com os mecanismos de resolução de problemas das vítimas.

A este respeito, a literatura existente demonstra que ao nível das relações de vinculação amorosa na idade adulta, as relações de vinculação precoces (pais e/ou pares) desempenham um papel fundamental na estruturação e na qualidade da vinculação ao par amoroso (Godbout et al., 20016, 2009). Este aspeto assume especial relevância ao nível das relações amorosas abusivas, tendo em consideração que os modelos internos dinâmicos inseguros se traduzem num fator de vulnerabilidade não só para o desenvolvimento de vínculos inseguros, bem como um fator de vulnerabilidade à perpetração e vivência de maus-tratos (Allison, et al., 2008; Godbout, et al., 2016, 2009; Hare, Miga, & Allen, 2009; Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012). Os vínculos inseguros demonstram ser um fator potenciador da violência conjugal, na medida em que a vinculação insegura ao parceiro amoroso pode estar associada e influenciar as necessidades que os sujeitos possuem ao nível da vinculação enquanto sujeitos isolados ou enquanto díade (Allison et al., 2008; Brennan & Shaver 1995; Godbout et al., 2016). Mais se acrescenta de que estas necessidades estão não só dependentes do tipo de vinculação dos sujeitos, mas também do tipo de vinculação do parceiro (Allison et al., 2008). Deste modo, díades i) em que pelo menos um dos elementos possui uma vinculação insegura ou ii) em que ambos os elementos possuam uma vinculação insegura tornam-se mais vulneráveis à perpetração ou vivência de algum tipo de violência (Doumas, et al., 2008; Godbout, et al., 2009; Wilson, et al., 2013).

Outro constructo que parece desempenhar um papel importante ao nível da violência conjugal e associado a uma vinculação insegura, é o estilo de *coping*, mecanismo fundamental ao nível da resolução de problemas (Burk e Seiffge-Krenke, 2015; Hare, Miga, & Allen, 2009). Díades compostas por um ou dois sujeitos com vínculos inseguros, independentemente do padrão, experienciam maior dificuldade em gerir as emoções e, conseqüentemente, mobilizar estratégias adaptativas como meio de gerir os conflitos. As estratégias de resolução de problemas são importantes, para os sujeitos de forma individual, na definição da sua capacidade para manter ou não a relação (Rizo, 2015; Wei & Mallinckrodt, 2003).

O presente estudo procurou não só caracterizar exhaustivamente a vítima em termos da sua experiência de vitimação; comparar as participantes cujo agressor é o atual versus ex-companheiro em termos das estratégias de resolução de problemas e

dimensões de vinculação amorosa; analisar a associação entre as diferentes dimensões de vinculação amorosa e as diferentes estratégias de resolução de problemas; comparar as participantes com diferentes protótipos de vinculação em termos das estratégias de resolução de problemas. Para tal, recorreu-se a uma amostra composta por 57 mulheres, com idades compreendidas entre os 19 e os 76 anos, que em algum momento das suas vidas vivenciaram uma relação amorosa abusiva. As participantes foram avaliadas através de um conjunto de medidas de autorrelato: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Experiência de vitimação, Inventário de Resolução de Problemas (IRP, Adriano Vaz Serra, 1987) e Questionário de Vinculação Amorosa (QVA, versão III, Matos e Costa, 2001).

Esta dissertação encontra-se dividida em duas grandes partes. Na primeira parte, composta por quatro capítulos, será explanada toda a reflexão teórica levada a cabo neste estudo. Na segunda parte serão apresentados minuciosamente todos os aspetos inerentes ao estudo empírico. Os capítulos constituintes da primeira parte foram definidos considerando os constructos em análise no estudo. No capítulo I serão expostas e analisadas as estatísticas mundiais, europeias e nacionais associadas ao fenómeno da violência conjugal. No capítulo II será levada a cabo uma reflexão teórica acerca do modelo de vinculação de Bartholomew (1990) para, posteriormente, se analisar criticamente a potencial ligação entre a violência conjugal e a vinculação amorosa. Por sua vez, no capítulo III, a revisão teórica irá debruçar-se sobre o conceito de resolução de problemas, sendo, nomeadamente, analisada a relação existente entre os mecanismos de resolução de problemas da vítima e a violência conjugal vivenciada por esta. Por fim, no capítulo IV, serão revistas as investigações prévias que se debruçam sobre o estudo da relação entre a vinculação amorosa e os mecanismos de resolução de problemas em mulheres vítimas de violência conjugal.

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

1 – CARACTERIZAÇÃO DO FENÓMENO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL A NÍVEL MUNDIAL, EUROPEU E NACIONAL

A violência conjugal é um fenómeno que tem ganho notoriedade nos dias de correm. Vista como um problema de Saúde Pública (OMS, 2010), consiste numa “grave violação dos direitos humanos, em particular das mulheres” (Resolução do Conselho de Ministros nº 102/2013). Desta forma, constitui “uma forma de discriminação contra as mulheres, e refere-se a quaisquer atos de violência com base no género que causam, ou sejam suscetíveis de causar para as mulheres, dano ou sofrimento de natureza física, sexual, psicológica ou económica, incluindo a ameaça de se envolver em tais atos, o restringir ou privação arbitrária da liberdade, seja na vida pública ou privada” (Convenção do Conselho de Europa, 2011).

Os dados atuais permitem-nos observar a constante ascensão do fenómeno e o seu carácter epidémico. Organizações mundiais (Organização Mundial de Saúde – OMS, European Union Agency For Fundamental Rights – FRA) e nacionais (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV, Direção Geral de Saúde – DGS, Sistema de Segurança Interna) têm trabalho no sentido de tentar representar estatisticamente o fenómeno da violência conjugal. Segundo o Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência (OMS, 2014), a mais alta prevalência de violência praticada pelo parceiro íntimo situa-se na Região do Sudeste Asiático, sendo de 37,7%, seguindo-se a Região do Mediterrâneo Oriental e da Região Africana com uma prevalência de 37,0% e 36,6%, respetivamente. A Região Europeia regista uma prevalência na ordem dos 25%. Estima-se que, a nível mundial, 42% das mulheres tenham sofrido danos decorrentes da violência física e/ou sexual perpetrada pelo parceiro íntimo.

Um estudo levado a cabo pela OMS (Garcia-Moreno et al., 2005) debruçou-se também sobre a prevalência de violência contra a mulher. Com recurso a entrevistas junto de 24000 mulheres de 10 países, com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos, o estudo concluiu que: i) 13-49% das mulheres entrevistadas refere ter sido vítima de violência física por parte de um parceiro em algum momento das suas vidas; ii) 6-59% refere já ter sido vítima de violência sexual por parte de um parceiro. Os dados permitem, ainda, verificar que a prevalência da violência física e/ou sexual praticada por um parceiro contra a mulher varia entre 15%, em países como o Japão, e 70%, em

países como a Etiópia e o Perú, sendo que a maioria dos países alvo do estudo apresentaram taxas entre os 29% e os 62%.

Um outro estudo realizado pela European Union Agency for Fundamental Right (FRA, 2014), visou a análise da prevalência da violência física, sexual e psicológica perpetrada por um parceiro íntimo nos 28 Estados-membros da União Europeia. Por meio de entrevistas a 42000 mulheres, com idades entre os 18 e os 74 anos, o inquérito chegou aos seguintes resultados: i) das participantes que mencionam ter ou que tiveram um parceiro, cerca de 22% menciona ter sido vítima de violência física e /ou sexual por parte do mesmo. Mais especificamente, cerca 24% refere ter sido vítima de violência física por um parceiro anterior e cerca 7% pelo atual. Segundo o relatório da FRA, em Portugal, 19% das entrevistadas menciona ter sido vítima de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro atual ou anterior. Ao nível da violência psicológica, uma em cada três mulheres (32%) menciona ter sofrido algum tipo de abuso psicológico por parte de um parceiro atual ou anterior. Cerca de 7% das entrevistadas menciona ter sofrido mais do que uma forma de violência psicológica por parte do parceiro atual (FRA, 2014).

Por sua vez, os dados obtidos nos relatórios anuais elaborados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e pelo Sistema de Segurança Interna (APAV, 2014; RASI, 2014) permitem-nos analisar mais atentamente o panorama desta problemática em Portugal. De acordo com o Relatório Anual da Associação de Apoio à Vítima (APAV, 2000) foram registadas cerca de 8.429 denúncias por violência conjugal, sendo que 7.993 (94,8%) das vítimas eram do sexo feminino. Desde então a ascensão do fenómeno foi de tal ordem que, no ano de 2014, o número de denúncias registado pela APAV ascendeu às 17.786. Em 2015, a APAV registou um total de 23.326 denúncias das quais 80% (18.679) eram referentes ao crime de violência conjugal. Cerca de 5.000 denúncias corresponderam a vítimas do sexo feminino, com idade média de 42 anos aproximadamente. Em 48,2% dos casos a vítima era casada e tinha filhos (54,5%), possuía o ensino superior (32%) ou o ensino básico (21%) e encontrava-se empregada, em 49% dos casos, ou desempregada, em 33% dos casos. Em 45,8% das ocorrências o agressor foi o cônjuge, e em 23%, o companheiro. Apenas em 13% das ocorrências o agressor era o ex-companheiro.

Apesar da sua dimensão, estes valores demonstram ser apenas uma percentagem da realidade da violência doméstica em Portugal. Dados obtidos pelo Relatório Anual

de Segurança Interna (RASI) permitem corroborar os dados obtidos pela APAV, embora dando-lhe uma nova abrangência. Os dados obtidos pelo RASI foram elaborados com base nas ocorrências participadas às autoridades nacionais, sendo que estas participações podem ser realizadas pela vítima ou por outro elemento. Isto pode justificar que o número de ocorrências registadas seja superior às ocorrências registadas pela APAV. Segundo o RASI de 2014, em 2010 verificaram-se 35.534 ocorrências de violência doméstica registadas pela GNR e PSP, sendo que 29.251 das vítimas (82,3%) foram mulheres. Embora este valor tenha registado variações nos últimos anos facto é que, desde 2012, este número tem vindo a aumentar. Com efeito, em 2014, foram registadas 32.100 ocorrências, das quais 25.931 eram mulheres (80,8%). Verifica-se aqui que a violência conjugal assume a maior proporção entre as vítimas de violência doméstica, uma vez que, na sua grande maioria, os crimes são praticados por cônjuges/companheiros (56,6%) e ex-cônjuges/companheiro (15,9%) (RASI, 2014). O mesmo panorama é encontrado quando analisado o RASI relativo ao ano de 2015, onde se verificaram 26.595 participações por violência doméstica, tendo-se registado um decréscimo de 2,6% nas participações relativamente ao ano anterior. Das ocorrências registadas, 84,6% dizem respeito a vítimas do sexo feminino, com idades médias compreendidas entre os 25 e 54 anos (67%). A este respeito verifica-se que, no que concerne ao crime de violência doméstica, as situações de violência conjugal são as que assumem maiores proporções, ocorrendo no grupo etário dos 18-24 anos, em 59% das situações contra o cônjuge/ex-cônjuge, seguido das situações em que o agressor é o namorado (33%). No grupo etário dos 25-64 anos, as situações de violência conjugal continua a prevalecer, sendo estas referentes a um parceiro atual ou passado, verificando-se, deste modo que no grupo etário dos 55-64 anos a taxa de incidência é de 85%, subindo para uma incidência de cerca de 92%, no grupo etário dos 35-44 anos. Por fim, na faixa etária dos 65-74 anos as situações de violência conjugal dizem respeito a 68% das situações. Por sua vez, 86,9% das ocorrências dizem respeito a denunciados do sexo masculino com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (74%). Em 57% das ocorrências o agressor era cônjuge/companheiro da vítima (RASI, 2015). Os últimos dados do RASI, referentes ao ano de 2016, continuam a corroborar o cenário acima exposto. Neste sentido, foram registadas, em 2016, 32.507 ocorrências por violência doméstica das quais 32.360 correspondem a violência conjugal, sendo que em 83,8% dos casos a vítima é do sexo feminino. Os distritos de Lisboa (6.161), Porto (4.903), Setúbal (2.268), Braga (1.861) e Aveiro (1.793) demonstram ser os mais

representativos em termos do registo de ocorrências, representando um total de 62%. Em termos da tipologia dos abusos perpetrados verifica-se uma maior representatividade da violência psicológica (82%), seguida da violência física (68%) nas ocorrências registadas. Em menor número encontram-se as ocorrências referentes à violência social, económica e sexual, que correspondem a 16%, 9% e 3%, respetivamente. De forma semelhante aos anos anteriores, é a violência conjugal que assume maiores proporções no âmbito da violência doméstica correspondendo à maioria dos casos registados. Deste modo, verifica-se que é ao nível das relações conjugais (cônjuges, ex-cônjuges e ex-namorados) que a violência psicológica assume uma maior proporção, correspondendo a 81%, 85% e 86%, respetivamente, seguindo-se a violência física que se traduz em proporções igualmente significativas (72% - cônjuges, 56% - ex-cônjuges e 60% ex-namorados). Como anteriormente mencionado, nas relações conjugais, a violência sexual, social e económica surge em proporções consideravelmente mais baixas. Ainda ao nível da violência conjugal, salienta-se um cenário diferente para as relações de namoro onde a violência física assume proporções superiores à violência psicológica, correspondendo a 86% e 70%, respetivamente. Por fim, analisando a tipologia de associação vítima-agressor verifica-se que em 54,6% das ocorrências o agressor é um atual companheiro (cônjuge ou namorado), verificando-se ainda que a vítima é do sexo feminino em 85% e 88% dos casos, quando o agressor é o cônjuge ou o namorado, respetivamente. Por sua vez, 17,1% das ocorrências correspondem a situações em que o agressor é um ex-companheiro (ex-cônjuge ou ex-namorado), verificando-se, que quando o agressor é o ex-cônjuge, 83% das vítimas são do sexo feminino e 88% quando o agressor é o ex-namorado.

A violência conjugal ainda tem sido associada à ocorrência de homicídios, uma vez que em alguns casos a situação de vitimação culmina com a morte da vítima. De acordo com o RASI (2015), 18% dos homicídios registados em Portugal dizem respeito a relações conjugais ou análogas. De acordo com a OMS (2014) estima-se que, em 2013, cerca de 38% dos homicídios de vítimas do sexo feminino foram praticados por um parceiro do sexo masculino.

Atendendo aos dados anteriormente expostos, torna-se crucial procurar perceber a génese do fenómeno da violência conjugal. Vários são os modelos que, ao longo do tempo, foram surgindo e que propõem uma análise explicativa dos determinantes da violência, sendo que estes podem ser de índole diversa. Com efeito, verifica-se que a

violência conjugal se pode associar a aspetos i) intra-individuais, nomeadamente as características do agressor (de ordem biológica, psicopatológica ou, ainda, produto das eventuais dependências do agressor); ii) psicossociais, estando, neste caso, a atenção direcionada para os contextos e padrões de interação pessoal que caracterizam e potencialmente explicam a violência perpetrada; iii) socio-culturais. Aqui a ênfase é colocada nos aspetos históricos e culturais que potencialmente podem explicar o enquadramento da violência exercida contra a mulher (Matos, 2006). Estes modelos procuram ser explicativos não só daquele que é o comportamento do agressor, mas procuram igualmente compreender a perspetiva da vítima. Neste sentido, focam-se naquilo que possam ser as características intra-individuais, psicossociais, familiares e socio-culturais da vítima e que a tornam suscetível à relação abusiva. Mais se acrescenta, que estes modelos atribuem uma importância significativa à transgeracionalidade da violência.

Embora estes modelos detenham um grande importância no que respeita às eventuais explicações da violência conjugal, salienta-se que a violência não é fruto de um fator e momento únicos mas de um processo continuado, definido pela comunidade científica como o ciclo da violência (Manita, 2009). O presente estudo, procura aumentar o conhecimento sobre os potenciais fatores associados à violência conjugal e sobre as características das dinâmicas relacionais. De forma particular, procuraremos estudar a ação de potenciais fatores explicativos da manutenção da relação com o agressor e continuidade da relação abusiva. Neste contexto, os padrões de vinculação amorosa no adulto (e.g., Allison et al., 2008; Doumas, et al., 2008; Godbout, et al., 2016) e os mecanismos de resolução de problemas (e.g., Bell & Higgins, 2015; Reich, et al., 2015; Rizo, 2015) parecem, segundo a literatura, ser relevantes para a compreensão dos motivos que podem levar à permanência da vítima na relação e determinar as representações que esta possui acerca da violência perpetrada contra si.

2 - VINCULAÇÃO AMOROSA EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO

A vinculação desempenha um papel importante em todo o ciclo de vida do sujeito (Feeney, 2008), dizendo respeito a um conjunto de características duradouras inerentes a relações particulares (Bartholomew, 1990, 1994; Feeney, 2008; Hazan & Shaver, 1987). Estas características surgem no sentido de estruturar a qualidade das interações entre os sujeitos nas suas relações próximas (com figuras significativas) (Bartholomew, 1994). Os sujeitos diferem entre si em termos de pensamentos, emoções e comportamentos ao nível das relações próximas, sendo que estas são fortemente influenciadas pelo ambiente social no qual o indivíduo se integra e ao qual tem que se adaptar. Os sujeitos diferem, ainda, nos modelos mentais que constroem e nas experiências relacionais que possuem (Hazan & Shaver, 1994). A vinculação acarreta, assim, uma função protetora para o indivíduo ao promover a sua segurança perante potenciais ameaças e regular, igualmente, os seus afetos (Bartholomew, 1994; Feeney, 2008). Este processo psicológico torna-se, deste modo, fundamental para a qualidade das relações interpessoais, bem como para o funcionamento afetivo, cognitivo e social (Bartholomew, 1990; Hazan and Shaver, 1994, 1987; Mikulincer, et al., 2002).

De acordo com Bartholomew (1990) a vinculação compreende, padrões de comportamento que remetem para a qualidade dos laços dentro da relação. Um aspeto importante relativamente à vinculação, diz respeito ao facto de esta não ser exclusiva das relações na infância, mas ter um efeito ao longo de todo o ciclo vital nas relações significativas que estabelecemos. Ainda assim, os sujeitos vão readaptando as suas relações de vinculação e o modo como estabelecem estes vínculos à medida que se desenvolvem afetivamente (Bartholomew, 1990, Hazan & Shaver 1994). Contrariamente às crianças, os adultos possuem a capacidade de controlar o grau de envolvimento com outros sujeitos. Além disso, os adultos possuem a capacidade para decidir as motivações que os levam a relacionar-se com determinados sujeitos, bem como as motivações que os levam a não se vincular a outros sujeitos (Bartholomew, 1990). Outro dos aspetos centrais na distinção entre o sistema de vinculação na infância e o sistema de vinculação no adulto, especialmente nas relações amorosas, é o facto de uma das principais figuras de vinculação no adulto ser o par, nomeadamente o parceiro amoroso (Hazan & Shaver, 1994). De acordo com Hazan e Shaver (1994) o sistema de

vinculação amorosa compreende a integração de três sistemas: i) a vinculação; ii) o sistema de prestação de cuidados, e iii) a sexualidade.

Do ponto de vista da vinculação amorosa, a relação entre duas pessoas forma-se, primeiramente, devido à necessidade de proximidade, nomeadamente proximidade física. Com efeito, a atração sexual é um dos fatores cruciais ao nível da procura de proximidade. A atração sexual mútua, por sua vez, servirá como um mecanismo facilitador para o desenvolvimento da base segura dentro da relação, sendo o sentido de compromisso o fator crucial. Verifica-se, posteriormente, o desenvolvimento da relação pela manutenção da proximidade entre os sujeitos, a qual, por sua vez, evolui no sentido do compromisso pelo estabelecimento de objetivos comuns que conduzem, especialmente nas relações românticas, à construção de uma base segura dentro da relação (Hazan & Shaver, 1994). Nas relações adultas as funções do sistema de vinculação presentes na infância respetivamente as necessidades de apoio emocional e base segura são reativadas (Hazan & Shaver, 1994). O desejo de proximidade leva os sujeitos a procurarem nos parceiros conforto e segurança, recorrendo a estes especialmente em situações de stress. No entanto, para além das situações geradoras de stress, os sujeitos podem procurar obter proximidade do parceiro apenas para contacto sexual (Hazan & Shaver, 1994). Por outro lado, os sujeitos tendem a protestar sempre que vêem o seu sistema de vinculação ameaçado pela indisponibilidade do parceiro (Weis, 1982, citado por Bartholomew, 1990).

À medida que os sujeitos se vão desenvolvendo vão criando expectativas relativamente às figuras de vinculação, nomeadamente no que respeita à disponibilidade e à responsividade das mesmas. Estas expectativas são posteriormente integradas nos modelos internos dinâmicos, influenciando as relações futuras dos sujeitos (Feeney, 2011). Este facto é particularmente importante nas relações românticas, em que ambos os elementos da díade possuem necessidades ao nível da vinculação, sendo que muitas vezes estes possuem padrões diferentes de vinculação (Hazan & Shaver, 1987). Neste sentido, Hazan e Shaver (1987), procuraram categorizar a vinculação no adulto em torno da organização das relações românticas ou maritais. Segundo os autores o amor romântico pode ser visto como um processo de vinculação, bem como um processo que resulta em estilos de vinculação amorosa no adulto. De acordo Mikulincer e colaboradores (2002), os padrões de vinculação dos sujeitos constituem um dos fatores preditores da qualidade da relação num casal, desenvolvendo, os sujeitos, um conjunto

de estratégias básicas no sentido de manter a base segura na relação. Segundo Hazan e Shaver (1987,1994) os modelos internos dinâmicos desempenham um papel importante ao nível da conceitualização da vinculação amorosa na idade adulta. Com efeito, os vínculos com as figuras de referência podem influenciar a forma como os sujeitos encaram o amor, a disponibilidade do parceiro e o sentido de valor nas relações românticas. Deste modo, o amor romântico evidencia o conjunto de ligações afetivas entre o casal bem como os processos sociais e emocionais inerentes, compreendendo um conjunto de processos tais, como a satisfação com a relação, confiança e a resolução de problemas (Hazan & Shaver, 1994).

Hazan & Shaver (1987,1994) propuseram um modelo relativo à organização da vinculação amorosa no adulto que compreende três estilos de vinculação: seguro, evitante e ansioso. De acordo com os autores, os estilos de vinculação transitam da infância para a idade adulta, encontrando-se na idade adulta os mesmos padrões. No entanto, nas relações amorosas verificam-se particularidades ao nível dos diferentes padrões de vinculação no que respeita à expressão dos sentimentos. Um padrão seguro e dois padrões de vinculação pautados pela insegurança – ansioso e evitante, foram definidos. Os autores adiantam que um padrão de vinculação inseguro na idade adulta é resultado de inconsistência ao nível da responsividade das figuras primárias de vinculação (Hazan & Shaver,1994). Sujeitos que possuam um padrão inseguro de vinculação tendem a relatar experiências e crenças negativas acerca do conceito de amor (Bartholomew, 1990; Hazan & Shaver, 1994, 1987). Sujeitos evitantes tendem a desconfiar da boa vontade dos outros e a necessitar de um maior distanciamento emocional do parceiro no sentido de manter a sua independência. Deste modo, o medo de uma proximidade excessiva leva a que estes sujeitos desenvolvam um comportamento evitante, mantendo assim a distância nas relações próximas (Hazan & Shaver, 1994). Por sua vez, sujeitos ansiosos são tendencialmente mais preocupados quanto à disponibilidade do parceiro ou à capacidade de o parceiro providenciar suporte emocional sempre que estes necessitarem (Mikulincer, et al., 2002). Estes sujeitos tendem a demonstrar uma preocupação excessiva quanto à responsividade do parceiro, acrescentando o facto de se apaixonarem facilmente, de serem extremamente ciumentos e de cederem facilmente ao medo, à ansiedade e à solidão (Hazan & Shaver, 1994). De acordo com os autores, sujeitos ansiosos tendem a perceber o parceiro como relutante

no que respeita ao sentido de compromisso, percecionando a prestação de cuidados do parceiro como inadequada ou insuficiente.

Posteriormente aos contributos de Hazan e Shaver (1987,1994) no âmbito da vinculação amorosa, Bartholomew (1990) postula um modelo de vinculação no adulto, composto por quatro estilos de vinculação, focado nas relações precoces dos sujeitos. Contrariamente aos dados apresentados por Hazan e Shaver (1987), o modelo de Bartholomew (1990) difere do modelo anteriormente apresentado, uma vez que propõe dois padrões de vinculação evitante (Bartholomew & Horowitz, 1991). Segundo este modelo, as experiências com as figuras de referência permitem a criação de modelos de funcionamento interno, os quais integram a visão que o sujeito possui sobre si (modelo do *self*) e sobre os outros (modelo dos outros), sendo representados através dos padrões de vinculação (Bartholomew, 1990, 1994; Bartholomew & Horowitz, 1991). Os modelos do *self* e dos outros podem ambos ser dicotomizados como sendo positivos ou negativos. Importa aqui salientar que os modelos do *self* e dos outros são construídos por via de um processo interativo (Bartholomew, 1990). No que concerne ao modelo do *self*, o sujeito pode avaliar-se como sendo ou não digno de amor e atenção. Por sua vez, o modelo dos outros direciona-se para a forma como o sujeito percebe os outros como disponíveis e atenciosos. Pelo contrário, numa representação negativa do modelo, o sujeito pode encarar os outros como indisponíveis e rejeitantes (Feenay; Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Com base nestes diferentes tipos de representação, determinaram-se os seguintes estilos de vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Modelo do <i>Self</i> (dependência)		
	Positivo (baixo)	Negativo (elevado)
Positivo (baixo)	SEGURO Confortável com a intimidade e a autonomia	PREOCUPADO/ANSIOSO Preocupado Ambivalente
Modelo do outro (evitamento)	DESINVESTIDO Negação da vinculação Desligado da intimidade Oposição à dependência	Muito dependente RECEOSO/EVITANTE Receio da vinculação Evitante a nível íntimo Evitante a nível social
Negativo (elevado)		

Figura 1 – Modelo dos quatro estilos de vinculação do adulto (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

O estilo seguro de vinculação é decorrente de uma parentalidade calorosa e responsiva levando a que os sujeitos desenvolvam modelos positivos de si e dos outros. Isto levará a que estabeleçam relações seguras e saudáveis enquanto adultos. Sujeitos com este estilo de vinculação tendem a apresentar uma elevada auto-estima e ausência de problemas interpessoais (Bartholomew, 1990). De igual modo, estes sujeitos tendem a sentir-se valorizados e a avaliar os outros como aceitantes e responsivos (Bartholomew & Horowitz, 1991). Os estilos Preocupado/Ansioso, Receoso/Evitante e Desligado integram aquilo que se considera como um estilo de vinculação insegura. Os sujeitos com um padrão Preocupado/Ansioso tendem a apresentar uma visão negativa do *self*, mas positiva relativamente aos outros. Desta forma procuram estar próximos dos outros no sentido de serem aceites por estes, levando a que, posteriormente, se sintam valorizados (Bartholomew & Horowitz, 1991). Sujeitos com este tipo de vinculação tendem a ter tido uma parentalidade pautada por inconsistência e insensibilidade acompanhadas de mensagens de dedicação, antagónicas à inconsistência exprimida. Desta forma, os sujeitos tendem a sentir-se desvalorizados e não merecedores de afeto, considerando estes os fatores como explicativos do comportamento inconsistente do cuidador. Quando adultos, estes indivíduos apresentam-se preocupados e demasiado dependentes no que respeita às suas relações

(Bartholomew, 1990). Por sua vez, o estilo Receoso/Evitante caracteriza os sujeitos que tendem a apresentar uma visão negativa de si e dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). De acordo com este estilo, os sujeitos tendem a perceber-se como desvalorizados e não merecedores de afeto e atenção. Tendem, ainda, a apresentar uma visão negativa dos outros, esperando reações negativas, tais como a rejeição. Considerando os mecanismos interativos entre o modelo do *self* e o modelo dos outros, percebe-se que os sujeitos que vivenciaram experiências de rejeição tendem a perceber os outros com indisponíveis, levando a que se sintam desvalorizados (Bartholomew, 1990). Estes sujeitos apresentam, ainda, uma elevada frustração relativamente às suas necessidades de vinculação. Desta forma, os indivíduos evitam situações sociais ou a elevada proximidade nas relações onde se percecionem como vulneráveis a uma potencial rejeição (Bartholomew, 1990). Este estilo corresponde ao estilo evitante definido por autores em investigações anteriores (Hazan & Shaver, 1987). Por último, no estilo desligado os sujeitos tendem a apresentar uma visão positiva de si e negativa dos outros. Estes sujeitos protegem-se de eventuais deceções ao nível das relações mantendo a sua independência e o sentido de invulnerabilidade (Bartholomew, & Horowitz, 1991). Segundo Bartholomew (1990), este estilo é característico dos sujeitos que viram as suas necessidades ao nível da vinculação negadas, ou seja, em que o sistema de vinculação foi desativado. Neste sentido, os sujeitos previnem-se de uma potencial rejeição nas suas relações distanciando-se, desenvolvendo um modelo do *self* positivo pelo recurso ao sentido de invulnerabilidade relativamente às emoções negativas. Isto conduz a que estes sujeitos se afastem passivamente das suas relações, procurando manter a sua independência (Bartholomew, 1990).

De acordo com Bartholomew (1990), os estilos de vinculação acima apresentados podem, ainda, ser analisados do ponto de vista social. Neste sentido, o grau de dependência dos sujeitos nas relações pode variar desde um nível baixo, onde os sujeitos não dependem da aceitação dos outros possuindo uma boa auto-estima, até um nível elevado, onde os sujeitos necessitam de uma constante aprovação por parte dos outros. Os estilos Seguro e Desligado possuem, assim, um baixo grau de dependência contrariamente aos estilos Preocupado/Ansioso e Receoso/Evitante. Ainda no que concerne às respostas sociais, este modelo permite analisar a forma como os sujeitos abordam as suas relações no que respeita à proximidade. Assim, embora ambos os estilos Desligado e Receoso/Evitante, sejam caracterizados por um elevado evitamento

nas relações próximas, eles diferem na importância que os sujeitos atribuem aos outros. Os sujeitos que integram o estilo Receoso possuem uma maior necessidade de aprovação comparativamente aos sujeitos que integram o estilo Desligado os quais se apresentam como mais independentes. Por sua vez, os estilos Preocupado/Ansioso e Receoso/Evitante assemelham-se no elevado grau de dependência, diferindo entre si no que respeita à necessidade de proximidade perante os outros. Os sujeitos que integram o estilo Preocupado/Ansioso são dependentes e apresentam uma maior necessidade de proximidade no sentido de satisfazer as suas necessidades ao nível da vinculação. Já os sujeitos que integram o estilo Receoso/Evitante, apesar de apresentarem uma elevada necessidade de aprovação por parte dos outros, tendem a adotar um comportamento defensivo diminuindo o grau de proximidade aos outros no sentido de reduzir o medo de perda e rejeição (Bartholomew, 1990).

No âmbito da violência conjugal vasto tem sido o trabalho científico que procura compreender o papel desempenhado pela vinculação ao nível das relações abusivas enfatizando a dinâmica da díade (e.g., Allison, et al., 2008; Dumas, et al., 2008; Godbout, et al., 2016; Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012; Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015).

Tal como anteriormente referido, os modelos internos dinâmicos desempenham um papel importante ao nível das relações amorosas na idade adulta (Hare, Miga & Alle, 2009), sendo estes influenciados não só pelos vínculos com as figuras de referência (pais) (Hare, Miga, & Allen, 2009), mas igualmente pelas primeiras experiências amorosas (Godbout, et al., 2016, 2009; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015). Segundo, Godbout et al. (2009) a exposição prévia a situações de violência (nomeadamente violência parental) pode prever o envolvimento em situações de violência nas relações futuras.

Indivíduos que possuem modelos dinâmicos seguros e, por conseguinte, padrões de vinculação segura, gerem de uma forma mais adaptativa as táticas de conflito nas suas relações amorosas. Desta forma são mais capazes de processar e integrar emocionalmente a informação (Seiffge-Krenke, & Burk, 2015). Estes sujeitos apresentam ainda, uma maior facilidade em adquirir e gerir estratégias que lhes permitam colmatar as suas necessidades ao nível da vinculação, sem recorrer à violência (Allison, et al., 2008). Pelo contrário, sujeitos que possuem padrões de vinculação inseguros tendem a recorrer a padrões destrutivos no que concerne a táticas de conflitos.

Indivíduos que possuem modelos dinâmicos inseguros, nomeadamente aquando expostos a violência parental, tendem a expressar dificuldades na forma como estabelecem os vínculos futuros (Allison, et al., 2008; Hare, Miga, & Allen, 2009) e na forma gerem as suas emoções e conflitos (Allison, et al., 2008; Hare, Miga, & Allen, 2009; Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012). Alguns estudos têm demonstrado que a vinculação insegura aos pais e aos pares demonstra ser um preditor do desenvolvimento de padrões de vinculação inseguros ao nível da vinculação amorosa, mais concretamente uma vinculação caracterizada por um padrão ansioso, tornando, assim, os sujeitos mais vulneráveis à violência conjugal (Godbout et al., 2016, 2009; Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012). Tal facto pode ser explicado com recurso à vinculação, nomeadamente através das representações mentais que os sujeitos possuem relativamente às suas necessidades relacionais. Sujeitos ansiosos tendem a apresentar um maior medo de abandono, levando a que estes experienciem uma maior necessidade de proximidade do parceiro que, quando não correspondido, podem conduzir a níveis de frustração mais elevados (Godbout, *et al.*, 2009).

Porém, os autores (Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012) não verificaram no seu estudo, a existência de associações entre a vinculação aos pais e aos pares e a vinculação caracterizada por um padrão evitante. Segundo os autores, tais associações apenas se verificam numa vinculação caracterizada por um padrão ansioso. Os resultados encontrados pelos autores podem ser explicados pelos instrumentos usados no estudo e pelas características da amostra utilizada. Considere-se que o estudo teve em consideração medidas de auto-relato que podem por sua vez enviesar os dados (Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012). Neste sentido, indivíduos com uma vinculação insegura apresentam níveis de frustração mais elevados relativamente ao parceiro, do que os indivíduos com uma vinculação segura. A frustração dos sujeitos relativamente ao parceiro está associada às próprias frustrações do parceiro, à ambivalência e insegurança deste (Brennan, Shaver 1995).

Indivíduos inseguros tendem, assim, a apresentar maiores dificuldades em gerir situações de conflito com recurso a meios adaptativos, recorrendo, por vezes, a estratégias disfuncionais como meio de obter a atenção do parceiro (Hare, Miga e Allen, 2009). A este nível, o recurso ao comportamento violento pode servir como meio de aumentar ou diminuir a proximidade ao parceiro quando outros comportamentos falharem, podendo esta ser vista como uma estratégia para forçar um parceiro a focar a sua atenção no outro (Allison, et al., 2008; Godbout, et al., 2016). Do ponto de vista da

vinculação, indivíduos preocupados demonstram uma maior necessidade de proximidade física e emocional por parte dos seus parceiros, tendendo a apresentar padrões de frustração, ciúme e falta de confiança mais elevados comparativamente aos indivíduos cuja vinculação é caracterizada por um padrão seguro (Allison, et al., 2008; Brennan, Shaver 1995). Estes sujeitos apresentam uma maior preocupação relativamente às necessidades dentro da relação e a potenciais perdas. As suas emoções são expressas por via do medo e da raiva, tendendo igualmente a sentirem-se desvalorizados pelo parceiro (Brennan, Shaver 1995). Um estudo recente reforça esta ideia, concluindo que, à medida que os participantes relatavam um aumento no receio de abandono, associado à vinculação ansiosa, aumentavam igualmente os níveis de violência (Godbout, *et al.*, 2016). Enquanto em sujeitos ansiosos, o comportamento violento surge como meio de aumentar a proximidade ao parceiro, em sujeitos evitantes este comportamento surge como meio de diminuir esta proximidade. Sujeitos cuja vinculação é caracterizada por padrões evitantes tendem a apresentar elevados padrões de frustração, auto-confiança e ambivalência, mas dificuldades ao nível da confiança e da procura de proximidade (Allisson, et. al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Godbout, et al., 2016). Pelo que o recurso ao comportamento violento como uma tentativa de afastar física e emocionalmente o parceiro (Allisson, et al., 2008; Godbout, et al., 2016). Estes sujeitos tendem, ainda, a negar as suas necessidades ao nível da vinculação, apresentando dificuldades em focar as emoções e demonstrando-se incapazes ao nível da auto-revelação (Brennan & Shaver, 1995). O recurso a estratégias evitantes está também associado a um aumento de situações stressoras na relação (Godbout, et al., 2016).

Em suma, os indivíduos tendem a perceber o comportamento do companheiro com base nas suas próprias necessidades ao nível da vinculação (Allisson et. al., 2008). Verifica-se, igualmente, que a satisfação dos indivíduos relativamente à relação está associada aos padrões de vinculação do parceiro (Brennan & Shaver, 1995). Deste modo, constata-se que existe uma associação/relação entre a vinculação insegura e o ajustamento da relação (satisfação com a mesma, coesão), desempenhando a vinculação um papel mediador ao nível da díade, afetando a qualidade da relação conjugal direta e indiretamente por via da violência perpetrada (Godbout, 2009). Relembre-se de que a vinculação desempenha um papel fundamental ao nível da estruturação da qualidade das relações. Neste sentido, sujeitos com padrões evitantes tendem a apresentar um ajustamento relacional mais baixo, enquanto um sujeito ansioso pode, por sua vez,

recorre à violência como meio de promover o ajustamento na mesma (idem). Assim, torna-se crucial compreender a dinâmica relacional das díades onde se verificam comportamentos abusivos, nomeadamente no sentido de clarificar a génese da violência perpetrada.

Nas díades em que pelo menos um dos elementos possui um padrão inseguro de vinculação, existe maior probabilidade de ocorrer algum tipo de episódio de violência física ou sexual comparativamente às díades em que ambos os elementos são caracterizados por padrões seguros (Wilson, et al., 2013). Com efeito, a probabilidade de ocorrência de elevados níveis de violência física ou sexual é maior quando ambos os elementos possuem padrões inseguros de vinculação. Um estudo de Godbout (2009) acerca da associação entre a vinculação amorosa e a violência conjugal, verificou que quando a mulher é a agressora ambos os elementos da díade possuem padrões de vinculação inseguros, independentemente de estes vínculos serem referentes a padrões ansiosos ou evitantes. De acordo com Dumas e colaboradores (2008) a vinculação ansiosa em mulheres, tende a predizer o comportamento violento por parte da mulher e por parte do homem. Por outro lado, quando são os homens que recorrem a comportamentos abusivos contra as suas parceiras, estes tendem a apresentar padrões de vinculação evitante e as suas parceiras padrões ansiosos (Godbout, 2009). Este aspeto vem fortalecer o argumento de que sujeitos evitantes possuem uma maior necessidade de distanciamento na relação, contrariamente aos sujeitos ansiosos, que possuem uma elevada necessidade de proximidade devido à sua insegurança. Este antagonismo parece assim potenciar não só o desequilíbrio na relação, bem como uma potencial escalada da violência (Allison, et al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Godbout, et al., 2016, 2009). Esta mesma dinâmica, homem evitante e mulher ansiosa, tende ainda a predizer o comportamento violento perpetrado pela mulher (Dumas, et al., 2008) Ainda neste sentido, verifica-se que mulheres altamente ansiosas ao nível da vinculação, tendem a perceber o comportamento violento do parceiro como um ato de rejeição. Com efeito, a reativação dos seus receios, nomeadamente o receio de abandono, leva a que respondam igualmente com recurso ao comportamento violento (Dumas, et al., 2008, Godbout, et al., 2009). Este aspeto pode ser visto como uma forma de retaliação da mulher, uma vez que estas recorrem à violência como meio de auto-defesa da violência perpetrada pelo parceiro (Dumas, et al., 2008; Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012). Não esquecendo ainda, de que mulheres com este tipo de vinculação tendem a ser mais inseguras e mais preocupadas com as suas necessidades na relação, apresentando, assim, maiores níveis

de ciúme, bem como uma maior necessidade de controlo sobre o parceiro (Allisson, et al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Godbout, et al., 2016, 2009; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015). Em díades cujos parceiros recorrem ambos a comportamentos agressivos, os vínculos ansioso e evitante demonstram ser os mais predominantes (Allisson, et al., 2008; Doumas, et al., 2008). Nestas díades, onde se verifica a reciprocidade dos maus tratos, os homens tendem a reportar padrões mais severos de violência quando comparados com as mulheres, mostrando-se menos confortáveis em estar demasiado próximos e dependentes da sua parceira (Seiffge-Krenke, & Burk, 2015). Existem também díades cujas necessidades ao nível da vinculação podem levar a incompatibilidades, nomeadamente em situações em que ambos os elementos do casal possuem vinculações inseguras, mas um dos padrões é evitante e o outro ansioso (Allisson, et al., 2008). Este aspeto dá, assim, ênfase à ideia do conflito entre proximidade-distanciamento na díade (Doumas, et al., 2008). Mais se acrescenta, de que o padrão inseguro por si só já constitui um fator de risco, tornando os sujeitos não só mais vulneráveis, mas considerando igualmente que estes possuem necessidades diferentes dentro da relação (Allison, et al., 2008; Brennan, Shaver 1995, Godbout, et al., 2016, 2009). Sujeitos inseguros caso não estejam emparelhados numa díade onde o parceiro possui um padrão seguro de vinculação, tornam-se mais prováveis a se envolverem em díades onde o parceiro apresenta igualmente um padrão inseguro de vinculação, nomeadamente um padrão evitante (Brennan & Shaver, 1995).

Mulheres expostas à violência por parte de um parceiro são mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemáticas como a depressão. Este facto pode ser explicado pelo medo de abandono ou outras dificuldades ao nível da vinculação (La Flair, et al., 2015). Contudo segundo os autores as associações entre o comportamento violento e o potencial desenvolvimento de eventuais problemáticas não se verificano contexto de vinculação evitante. Uma das explicações apontadas, prende-se com as diferenças comportamentais e emocionais experienciadas em termos motivacionais, por sujeitos com uma vinculação ansiosa e sujeitos com vinculação evitante, em contextos relacionais de conflito (La Flair, et al., 2015).

A vinculação parece, ainda, ter influência na aceitação da violência em contextos caracterizados por afastamento físico ou emocional (Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012). Os processos de vinculação parecem, de facto, estar associados à legitimação da violência, sendo possível constatar que dificuldades expressas ao nível da vinculação se relacionam com os contextos específicos onde ocorrem os abusos. Em contextos

caracterizados por abandono, uma vinculação maioritariamente ansiosa está relacionada a uma maior aceitação da violência. No entanto, segundo a investigação de Valdez e colaboradores (2012) esta relação apenas se verifica nos homens e diferenças são observadas em função do padrão de vinculação, ansioso ou evitante, exibido pelos mesmos. Homens que possuam uma vinculação ansiosa tendem a apresentar uma maior aceitação da violência (por parte de um parceiro homem ou mulher). Contrariamente, homens que possuam uma vinculação evitante mostram uma aceitação da violência apenas quando o parceiro é do sexo masculino. O mesmo não foi observado quando se procurou analisar a associação da vinculação e a aceitação da violência por parte da mulher. Os homens demonstram aceitar a violência perpetrada pela mulher sob contextos relacionais caracterizados por abandono. Segundo os autores, relações com estas características podem explicar o facto de a mulher recorrer à violência contra o parceiro como um meio de auto-defesa, verificando-se em casos de reciprocidade nos abusos praticados o que explica a legitimação dos mesmos. Contudo, investigação feita a este nível apenas considerou uma pequena amostra de estudantes universitários, não tendo sido feito este tipo análise junto de casais cuja dinâmica é caracterizada pelo uso da violência (Valdez, Lilly, & Sandberg, 2012).

3 – ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO

No capítulo anterior procurou-se expor a gênese das dinâmicas relacionais tendo por base um processo fundamental denominado de vinculação, processo este que, ao nível das relações amorosas, nos permite compreender as dinâmicas abusivas. Importa agora compreender os mecanismos subjacentes ao *coping*, processo de adaptação a situações adversas e geradoras de *stress* pelo recurso a estratégias específicas (Folkman & Lazarus, 1986). De forma particular, pretende-se perceber o modo como os sujeitos mobilizam os seus esforços no sentido de fazer face a situações de violência no contexto de um relacionamento amoroso.

No decurso das suas vidas, os sujeitos são confrontados com inúmeras situações que se apresentam como um desafio, sendo, portanto, geradoras de *stress*. O *stress* pode, por sua vez, ser encarado como uma resposta não específica a uma exigência de adaptação (Vaz Serra, 1988). As suas manifestações variam quanto à gravidade e à duração, em função da intensidade do agente stressor e da permanência deste, quer este seja real ou simbólico (Vaz Serra, 1985). De acordo com Folkman e Lazarus (1985), o *stress* resulta da “*relação existente entre o sujeito e o ambiente, que é avaliada pelo sujeito como sendo ou não relevante para o seu bem-estar e na qual os recursos adotados pelo sujeito são postos à prova ou excedidos*” (p 152).

Existem dois processos que se apresentam como fundamentais na mediação da relação entre o sujeito e o ambiente: a avaliação cognitiva e o *coping* (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, *et al.*, 1986). A avaliação cognitiva diz respeito à avaliação, por parte do sujeito, do impacto dos acontecimentos para o seu bem-estar (Lazarus, 1993b). Esta avaliação cognitiva é composta por dois processos distintos: a avaliação primária e a avaliação secundária. A avaliação primária é o processo segundo o qual o sujeito avalia a situação no sentido de ganho ou perda, classificando-a, posteriormente, como irrelevante, benigna-positiva ou stressante. Os sujeitos classificam a situação como irrelevante quando esta não tem qualquer impacto no seu bem-estar. Por sua vez, a situação pode ser classificada como benigna-positiva, quando desta o sujeito sinaliza e retira apenas o resultado positivo (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, *et al.*, 1986). Por fim, uma situação é classificada como stressante quando esta é representada como ameaça, dano ou desafio para o sujeito (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, *et al.*,

1986; Vaz Serra, 1985). A avaliação secundária, por sua vez, é o processo segundo o qual o sujeito, perante determinada situação, avalia o que pode ser feito para ultrapassar ou prevenir um potencial dano, ou o que poderá fazer no sentido de melhorar a situação (Folkman, *et al.*, 1986). Por outras palavras, a avaliação secundária tem por objetivo avaliar as opções e recursos disponíveis, ou seja, as estratégias de *coping* para fazer face à situação. É de salientar a interdependência entre ambos os processos (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, *et al.*, 1986).

Focando, de forma particular, o segundo processo, de acordo com Folkman e Lazarus (1985), *coping* diz respeito “*aos esforços cognitivos e comportamentais para gerir (controlar, reduzir, ou tolerar) a relação conturbada entre sujeito-ambiente*” (p. 152). Estes esforços traduzem-se numa forma de gerir as exigências internas ou externas ao sujeito e que por este foram avaliadas como uma obrigação ou como excedendo os seus recursos (Folkman, *et al.*, 1986). Segundo os autores (Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, *et al.*, 1986; Lazarus, 1993b) o *coping* possui, duas grandes funções em função de o *coping* ser orientado para o problema e o *coping* ser orientado para as emoções. O *coping* focado no problema tem por objetivo atuar ao nível da relação sujeito-ambiente intervindo, ou no ambiente ou no sujeito, alterando os aspetos geradores de stress (Folkman & *et al.*, 1986). Por outro lado, quando a função do *coping* está orientada para emoções, o objetivo passa por mudar a forma como a relação com o ambiente é encarada ou o significado relacional da situação, embora as condições da situação permaneçam as mesmas (Lazarus, 1993b). Neste sentido, pode-se dizer que o *coping* orientado para as emoções tem por objetivo regular emoções ansiogénicas, sendo este o tipo de *coping* privilegiado as condições do evento stressor são vistas pelo sujeito como resistentes à mudança. Por sua vez, quando o sujeito percebe o evento stressor como controlável pela sua ação, tende a predominar o recurso a estratégias orientadas para o problema (Lazarus, 1993b).

Os recursos de *coping* tendem a mudar ao longo do tempo de acordo com as circunstâncias em que as situações acontecem (eventos stressores), sendo fortemente influenciados pelos contextos situacionais e pela alteração do problema em si. O termo *coping* é usado quer o processo seja adaptativo ou maladaptativo, bem sucedido ou não, consolidado ou fluido. Neste sentido, o processo é adaptativo quando as estratégias utilizadas são eficazes levando a um melhor resultado. O sucesso do processo remete para a reavaliação que o sujeito faz dos recursos que utilizou e o seu posterior resultado.

Por fim, a consolidação do processo caracteriza-se pela capacidade do sujeito alcançar um patamar estável no que concerne às suas estratégias de *coping* (Lazarus, 1993b).

Convém salientar três aspectos chave relativos ao conceito *coping*: 1) o *coping* deve ser encarado como um processo, pelo que as ações e pensamentos do sujeito perante um evento stressor serão determinantes para a sua mudança; 2) o *coping* possui um carácter contextual, pelo que é influenciado pela avaliação que o sujeito faz das situações, as especificidades do evento stressor e pelos recursos adotados e geridos pelo sujeito perante o evento stressor. Neste sentido, o *coping* é determinado por dois tipos de variáveis, as variáveis referentes ao sujeito e variáveis referentes à situação; e 3) considerando-se uma perspectiva valorativa do *coping*, perspectiva-se que não existe bom *coping* nem mau *coping*, uma vez que o *coping* diz respeito aos esforços que o sujeito emprega para fazer face a determinadas exigências numa determinada situação, sejam os esforços empregues bem sucedidos ou não (Folkman, et al., 1986).

Um dos pontos de interesse do presente estudo reside em perceber a forma como as mulheres lidam com a situação de vitimação. Este tem sido igualmente, um ponto de análise por parte de vários investigadores (e.g., Bell, & Higgins, 2015; Reich, et al., 2015; Rizo, 2015;). A literatura existente tem mostrado não só que existe uma associação entre violência sofrida ou perpetrada pela mulher e as suas estratégias de *coping* (Bell, & Higgins, 2015), como também que estratégias tendem a diferir em função do tipo de abuso que é sofrido pela mulher (Vatnar & Bjorkly, 2014). Na tentativa de lidar com a situação de vitimação as mulheres enfrentam vários desafios e barreiras, muitas delas únicas e específicas à situação. Os desafios e barreiras encontrados pela vítima demonstram ser difíceis de gerir quando comparados a outras situações geradoras de stress no dia a dia, uma vez que a violência sofrida constitui, por si só, um obstáculo. As barreiras encontradas pela mulher podem ser de variada ordem e influenciar o modo como a mulher encara a situação em que se encontra e o modo como a gere. Entre elas encontram-se: i) barreiras referentes ao parceiro; ii) relacionamentos anteriores e experiência de vitimação; iii) percepção da violência como abuso; e iv) recursos limitados (Rizo, 2015).

Um estudo realizado por Rizo (2015) teve em consideração a violência sofrida pela mulher e a forma como a esta lida com esta situação, tendo constatado que a vivência de maus-tratos por parte do parceiro parece influenciar o recurso a estratégias eficazes de *coping*, estratégias estas que não se associam a outros agentes stressores,

associando-se apenas às características idiossincráticas da relação. Segundo este mesmo autor, são vários os tipos de estratégias usadas pela mulher no sentido de gerir a situação de violência: i) estratégias religiosas; ii) estratégias de *coping* focadas nas emoções; iii) estratégias evitantes; iv) estratégias de *coping* cognitivas; v) estratégias de planeamento de segurança; vi) estratégias de apaziguamento; vii) estratégias de resistência/desafio; viii) tentativas diretas de lidar com o agente stressor; ix) estratégias de procura de ajuda, entre outras. Mesmo quando a mulher recorre a estratégias de *coping* mais comuns, também se verificam aspetos idiossincráticos à situação de violência. Dentro das estratégias específicas destacam-se as estratégias de resistência e desafio, o planeamento de segurança e as estratégias que visam acalmar o agressor. Em estratégias mais gerais e comuns, sendo exemplo as estratégias cognitivas e estratégias de procura de ajuda, verifica-se o recurso a táticas específicas que visam gerir o agente stressor, tais como i) pedir uma ordem de afastamento do agressor ou outras medidas preventivas; ii) desenvolvimento de comportamentos auto-destrutivos e iii) táticas de controlo de peso pouco saudáveis (Rizo, 2015).

Um outro estudo procurou aprofundar o papel da resolução de problemas nas situações de violência, focando a sua atenção na forma como as mulheres percebiam as suas estratégias de *coping* como eficazes ou não. Os resultados indicam que mais de metade das mulheres não percebia as suas estratégias de *coping* como eficazes. Além disso, as mulheres que possuíam um repertório de estratégias de *coping* eficazes diferiam das restantes em fatores como i) as características da vitimação, sendo exemplo a duração da vitimação e o tipo de abuso sofrido, ii) as características sociodemográficas, como a idade, escolaridade e o meio onde viviam e iii) as características intrapsicológicas, como existência de psicopatologia (e.g. depressão, ansiedade) ou a competência cognitiva (Vatnar, & Bjorkly, 2014). Com efeito, a capacidade de prever episódios de violência física parece aumentar o recurso a estratégias de *coping* eficazes. No que respeita ao impacto do tipo de violência perpetrada, a violência psicológica quando continuada influencia a capacidade da mulher recorrer a estratégias de *coping* eficazes. Por sua vez, a frequência da violência demonstra também ser um tipo de estratégias usadas pela mulher, estando associada a um elevado impacto a nível psicológico, levando a que a vítima recorra a estratégias evitantes (Vatnar & Bjorkly, 2014).

Segundo Bell & Higgins (2015), estratégias de coping negativas orientadas para o problema e estratégias impulsivas/negligentes predizem não só a capacidade de perpetração do comportamento violento, mas são igualmente preditoras da vivência deste tipo de comportamento. Neste caso, os sujeitos tendem a ser mais impulsivos, abordando os seus problemas de uma forma mais rápida e reativa, o que conduz, por sua vez, a um aumento do risco da ocorrência de violência. Pelo contrário, mecanismos evitantes ao nível das estratégias sociais de resolução de problemas parecem não estar associados à perpetração dos abusos ou à vitimação. Estes sujeitos tendem a evitar os problemas e a resolução dos mesmos, mas tal não implica risco para a perpetração ou vivência de maus-tratos. As conclusões quanto à ação deste tipo de estratégias não são, no entanto, consensuais. Segundo Reich e colaboradores (2015), mecanismos evitantes ao nível da resolução de problemas associam-se a várias formas de abuso, assumindo-se nomeadamente como um fator moderador entre a violência física, sexual e verbal e o Stress Pós Traumático. De acordo com os autores, em situações traumáticas como a violência doméstica, o evitamento pode surgir como uma estratégia de coping disfuncional exarcebando os sintomas do trauma. Por sua vez, estratégias racionais e impulsivas não demonstram estar associadas às demais formas de violência. Ainda no que concerne às estratégias evitantes, um estudo de Weiss e colaboradores (2014) visou analisar a sua associação com o recurso a drogas em mulheres vítimas de violência por parte do parceiro e o envolvimento em estratégias de *coping* evitantes. Os resultados demonstraram que consoante variava o recurso a estratégias evitantes, variava, igualmente, o consumo de drogas, sendo que níveis moderados de evitamento se demonstraram associados a um baixo consumo de drogas, contrariamente elevados ou baixos níveis de evitamento associados a um elevado consumo. Fatores contextuais podem explicar esta associação. Os autores concluem que estratégias de *coping* evitantes, quando usadas com moderação, podem ser consideradas como adaptativas, permitindo à mulher lidar com o *stress* provocado pela situação de conflito e pela exposição à violência. O recurso a este tipo de estratégias em contextos percebidos como imprevisíveis e incontroláveis, pode também potenciar resultados adaptativos ao nível psicológico.

Um outro estudo acresce informação no que respeita à questão das estratégias mobilizadas pela mulher nas situações de vitimação. Sabina e Tindale (2008) concluem que as mulheres que sofreram de violência por parte do parceiro tendem em envolver-se

em estratégias focadas no problema (tais como a procura de apoio social de modo a obter ajuda). Contudo, tais estratégias tendem a estar associadas a fatores específicos como as características do abuso (tais como frequência e severidade), e os recursos disponíveis (Bell, & Higgins, 2015; Reich, et al., 2015; Sabina, & Tindale, 2008; Vatnar & Bjorkly, 2014). Segundo Sabina e Tindale (2008).

Parece ficar demonstrada, assim uma associação entre as estratégias de *coping* e a violência sofrida pela vítima, sendo estas, igualmente determinantes do nível de risco de revitimização. Estratégias evitantes e estratégias de confronto demonstram estar associadas ao risco para eventuais episódios de violência física. As estratégias evitantes tornam a mulher mais vulnerável à ocorrência de violência devido aos efeitos negativos que estas estratégias poderão acarretar, aumentando, assim, o risco de eventuais episódios de violência. Por sua vez, estratégias de confronto parecem reduzir o risco para a ocorrência de eventuais episódios de violência física. De forma particular a resolução de problemas, a procura de suporte social e a expressão emocional parecem funcionar como fatores protetores no que respeita ao risco de ocorrência de violência. Este tipo de estratégias demonstram-se eficazes, pois permitem à mulher trabalhar ao nível da prevenção de uma futura experiência de vitimação (Iverson, et al., 2013).

4 – VINCULAÇÃO AMOROSA, RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO

Uma das importantes particularidades da vinculação amorosa prende-se com o facto de ambos os elementos da díade possuírem um padrão de vinculação. Como tal, ambos os elementos possuem necessidades potencialmente distintas ao nível da relação, constituindo este ponto um desafio para a dinâmica relacional (Hazan & Shaver, 1994, 1987). Estas diferenças poderão levar a incompatibilidades, constituindo um fator de risco para a ocorrência de violência no casal (Allison, *et al.*, 2008). Deste modo, percebe-se que fatores como o padrão de vinculação dos próprios sujeitos, a organização dos padrões de vinculação dos elementos da díade, bem como a satisfação com a relação e a gestão de conflitos traduzem-se em fatores de risco para a ocorrência de violência no casal (Allisson, *et al.*, 2008; Brennan, Shaver 1995; Dumas, *et al.*, 2008; Gobdbout, *et al.*, 2016, 2009). Na medida em que a violência pode funcionar como meio de manter proximidade ou afastamento do parceiro, o recurso à violência pode ser encarado como uma estratégia de *coping* disfuncional para gerir as necessidades dentro da relação (Allison, *et al.*, 2008; Godbout, *et al.*, 2016). A forma como o casal gere os conflitos irá desempenhar também um papel importante (Johnson, *et al.*, 2015), sendo que as primeiras experiências amorosas poderão ser um mecanismo influenciador das relações futuras (Godbout, *et al.*, 2016; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015). De facto, as primeiras experiências amorosas não só influenciam a forma como os sujeitos encaram as suas necessidades dentro da relação amorosa, mas igualmente a forma como gerem os conflitos dentro dessas mesmas relações (Godbout, *et al.*, 2016; Johnson, *et al.*, 2015; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015).

Alguns estudos têm explorado a relação entre o processo de vinculação e as estratégias de resolução de problemas ao nível das relações abusivas, comparando as díades onde a violência é unilateral com as díades em que a violência é recíproca, percebe-se que nas relações onde a violência é unilateral os homens tendem a reportar elevados níveis de violência física. As mulheres, por sua vez, tendem a ser mais ciumentas, mas mais ativas ao nível da resolução dos conflitos dentro da relação (Burk, & Seiffge-Krenke, 2015).

Segundo Burk e Seiffge-Krenke (2015) casais com padrões não agressivos tendem, não só a apresentar uma vinculação segura, mas também uma maior capacidade

em gerir os conflitos com recurso a estratégias de coping adaptativas. Por sua vez, nas díades em que ambos os elementos expressam comportamentos agressivos, os níveis de ciúmes e de conflito são mais elevados. Deste modo, homens e mulheres envolvidos em relações onde haja reciprocidade na violência perpetrada, tendem a apresentar padrões de vinculação inseguros (ansiosos e evitantes) quando comparados com os casais sem historial de violência (Burk, & Seiffge-Krenke, 2015). Estas díades tendem, ainda, a assumir uma maior dificuldade em gerir os conflitos e as emoções negativas. Consequentemente, tendem a expressar dificuldade em gerir cognitivamente os problemas recorrendo a estratégias evitantes como meio de resolução dos problemas, verificando-se isto especialmente nas mulheres (Burk & Seiffge-Krenke, 2015).

Assim sendo, em situações geradoras de stress, sujeitos com padrões inseguros tendem a exacerbar emoções negativas no sentido de obter a atenção do parceiro ou como meio de minimizar expressões negativas de afeto. Contudo, o recurso a este tipo de estratégias poderá potenciar o conflito em vez de o resolver, levando a que numa relação amorosa o parceiro possa, inclusive, responder a estas situações recorrendo ao mesmo tipo de estratégias (Hare, Miga, & Allen, 2009). Deste modo, mais do que os conflitos em si, é a natureza destes conflitos e a forma como o casal gere os mesmos que determinam a ocorrência de maus-tratos no casal. De igual forma, a qualidade da relação desempenha um papel importante na forma como os casais gerem os conflitos. Assim, se por um lado, um aumento dos conflitos leva a um aumento da violência, quanto maior é a qualidade da relação (confiança e compromisso) menor a probabilidade de ocorrência de episódios de violência entre o casal (Johnson, et al., 2015).

Comparando os padrões de vinculação com o tipo de abuso sofrido percebe-se que, também a este nível, se verificam associações nomeadamente ao nível da regulação emocional. Segundo Gormely e Lopez (2010), a vinculação ansiosa não demonstra estar associada ao abuso emocional. Contrariamente a vinculação evitante demonstra ser um grande contribuidor para os maus-tratos emocionais perante situações de elevado *stress*. Verifica-se, assim, uma associação entre as situações geradoras de *stress* e a perpetração de violência. De acordo com os autores os homens tendem a redirecionar e a projetar o seu *stress* nas suas parceiras, tal não se verificando nas mulheres, sugerindo que o género poderá ter impacto na existência de expectativas diferentes relativamente à relação. Segundo os autores, quando comparado com a vinculação ansiosa, o *stress* é

um melhor preditor do abuso emocional, sendo que o *stress* parece, ainda, ter um efeito moderador na relação entre a vinculação evitante e o abuso emocional (Gormely & Lopez, 2010). Estes dados vêm contrariar os resultados obtidos em estudos prévios, que nos sugerem uma igual importância dos padrões ansiosos de vinculação ao nível da perpetração e vivência de violência por parte do parceiro amoroso. Sendo tal facto atribuído às necessidades de vinculação dos sujeitos, estando igualmente associados aos níveis de stress (Allisson, et. al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Dumas, et al., 2008; Godbout, et al., 2016, 2009; Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012; Seiffge-Krenke, & Burk, 2015;)

Percebe-se, assim, que indivíduos com padrões de vinculação insegura apresentam maiores dificuldades em desenvolver estratégias adaptativas para gerir as situações de conflito nas relações amorosas, tendendo a recorrer a estratégias mal adaptativas que lhe permitam regular as suas emoções (Hare, Miga, & Allen, 2009). Segundo Levesque et al. (2009), o comportamento autodestrutivo tem sido apontado como um dos exemplos ao nível de dificuldades na regulação afetiva. Pensamentos e comportamentos auto destrutivos demonstram estar associados a padrões inseguros de vinculação amorosa, existindo também uma forte associação entre os comportamentos auto destrutivos e a vivência de violência (Levesque, Lafontaine, Bureu, Cloutier, & Dandurand, 2009). Neste sentido, indivíduos que sofram ou tenham sofrido de violência por parte do parceiro demonstram-se incapazes de regular adequadamente as suas próprias emoções, redirecionando a violência para eles próprios. Mais se acrescenta, que quando a vinculação amorosa é caracterizada por uma elevada ansiedade relativa ao abandono, a prevalência dos pensamentos e comportamentos associados ao comportamento autodestrutivo é maior. Salienta-se que esta prevalência é maior nas mulheres, do que nos homens. Contudo, tal não se verifica quando os indivíduos possuem padrões de vinculação evitante (Levesque, Lafontaine, Bureu, Cloutier, & Dandurand, 2009). Comparativamente, sujeitos que possuem um padrão de vinculação segura estão mais capazes de regular as suas emoções por via de estratégias mais adaptativas ao inverso dos sujeitos que possuam uma vinculação insegura. Neste sentido, o comportamento auto destrutivo pode surgir neste tipo de contexto como uma estratégia mal adaptativa de os sujeitos regularem as suas emoções (Levesque, Lafontaine, Bureu, Cloutier, & Dandurand, 2009).

Apesar dos resultados anteriormente descritos a associação entre a vinculação e o *distress* psicológico não é tão clara quanto se pensa. De acordo com alguns autores (Wei, & Mallinckrodt, 2003), a vinculação pode influenciar o *distress* psicológico por via do *coping* percebido. Neste caso, verifica-se que a associação entre os padrões de vinculação ansiosa e o *distress* psicológico são complexos, desempenhando o *coping* percebido um papel moderador no *distress* psicológico. A nível da vinculação evitante, as estratégias de *coping* percebido tendem a funcionar apenas como um mediador parcial entre o *distress* psicológico e a vinculação evitante. Mais concretamente, a vinculação evitante demonstra ter um efeito direto no que respeita aos índices de *distress* psicológico e um efeito indireto por via do *coping* percebido. Os autores sugerem ainda, que estas associações se mostram mais complexas relativamente aos padrões evitantes comparativamente com os padrões ansiosos. Embora estas relações não sejam lineares, os autores verificaram no seu estudo que vínculos inseguros, como os padrões ansioso e evitante, parecem a predizer o grau de *distress* psicológico, levando a que indivíduos com este tipo de vinculação, numa situação problema, tendam a avaliar as suas estratégias de *coping* como ineficazes (Wei & Mallinckrodt, 2003).

De acordo com Pascuzzo e colaboradores (2012) esta associação entre vinculação, impacto psicológico e *stress* demonstra ser influenciada pelas relações precoces dos sujeitos. As relações de vinculação com os pais e com os pares são determinantes nas relações de vinculação românticas, desempenhando um papel fundamental ao nível do desenvolvimento de estratégias de regulação emocional eficazes (Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012, Weiss & Mallinckrodt, 2003). O *distress* psicológico pode, por exemplo, levar em situações de *stress* a que sujeitos com vínculos ansiosos se tornem incapazes de adotar estratégias de resolução de problemas adaptativas, tendendo a que procurem regular as suas emoções focando-se nas mesmas. Este tipo de estratégias coloca a ênfase nos sentimentos negativos e nos pensamentos ruminativos. Estes sujeitos tendem pelo contrário, a recorrer menos a estratégias orientadas para tarefa como meio de regular as emoções. Exacerbando muitas vezes as suas emoções, estes sujeitos recorrem, por vezes, a estratégias orientadas para a tarefa como meio de minimizar ou até mesmo resolver o problema. Por outro lado, demonstram dificuldade no recurso a estratégias sociais ao nível da resolução de problemas, como por exemplo procura de apoio (Pascuzzo, Cyr & Moss, 2012). Por sua vez, sujeitos com padrões de vinculação evitante inibem a ativação do seu sistema de vinculação pela supressão de

comportamentos que lhes permitam a procura de proximidade. Deste modo, ao nível da resolução de problemas estes sujeitos tendem a apresentar um reportório pobre no que respeita a estratégias que lhes permitam resolução eficaz do problema. Sujeitos evitantes mostram não se identificar com estratégias de distração adaptativas, usando, por sua vez, estratégias de distração maladaptativas no sentido de regular as suas emoções, tendendo a desviar a atenção das emoções inerentes às situações de *stress*. Assim sendo, sujeitos com padrões de vinculação evitante apresentam dificuldades em recorrer a estratégias orientadas para a tarefa no sentido de lidar com o mal-estar decorrente de situações de stress. Consequentemente, procuram minimizar as emoções decorrentes de um problema através de estratégias que os impedem de reconhecer a existência do problema como tal. Tal facto leva a que, posteriormente, experienciem dificuldades em mobilizar recursos adaptativos face a um problema (Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012). De acordo com Bonache, Gonzalez-Mendez, & Krahe, (2016) indivíduos com padrões evitantes apresentam ainda dificuldades nos domínios da comunicação. Neste sentido, recorrem a estratégias de coping evitantes, devido à sua necessidade de manter algum distanciamento daquelas que são as suas figuras de vinculação, concretamente o parceiro amoroso. Por sua vez, sujeitos ansiosos tendem a envolver-se mais facilmente em conflitos. Dado apresentarem um elevado medo de rejeição, os sujeitos ansiosos tendem a exibir uma extrema necessidade de proximidade, apoio e amor por parte do parceiro e a perceber negativamente as táticas de gestão de conflitos deste, percebendo-as como tentativas de afastamento e de confronto. O modo como os indivíduos inseguros tendem a interpretar o comportamento do parceiro é, por sua vez, de um modo semelhante e consistente com os seus modelos internos dinâmicos, sustentando, novamente, a ênfase dada às figuras de referência (Bonache, Gonzalez-Mendez, & Krahe, 2016).

Um estudo realizado Schechory (2012), procurou analisar as relações entre a vinculação, as estratégias de *coping* e os maus-tratos sofridos em mulheres vítimas de violência conjugal comparativamente a mulheres que não haviam sofrido de maus-tratos. Os resultados obtidos evidenciam que as mulheres que haviam sofrido de violência por parte do parceiro apresentavam vínculos inseguros (ansioso e evitante) e recorriam a estratégias de *coping* focadas nas emoções. A vinculação ansiosa demonstrou ser um bom preditor do recurso a estratégias de *coping* focadas nas emoções, independentemente dos sentimentos que as mulheres possuíam pelo parceiro.

Contudo, tal facto apenas se verificou em mulheres que não haviam sofrido de maus-tratos. Por sua vez, em mulheres vítimas de violência conjugal apenas a vinculação evitante e os elevados sentimentos negativos relativamente ao parceiro predizem o recurso a estratégias de *coping* focadas no problema. Adicionalmente, os autores verificaram que quanto mais tempo as vítimas permanecem longe da relação abusiva, menor é o recurso a estratégias focadas nas emoções. Este afastamento leva a que reconheçam o abuso como tal e se envolvam em mecanismos que as permitam procurar ajuda e apoio, estando, deste modo, envolvidas em estratégias focadas no problema.

Em suma, verifica-se que a violência no âmbito de uma relação constitui um fator único na dinâmica do casal. A este nível sinalizam-se os importantes contributos da vinculação e das práticas de resolução de problemas enquanto fatores determinantes do fenómeno de violência conjugal (e.g., Allisson, et. al, 2008; Bell & Higgins, 2015; Brennan & Shaver, 1995; Godbout, et. al., 2016, 2009; Hare, Miga & Allen, 2009). No que concerne aos processos de vinculação propriamente ditos, verifica-se que os padrões de vinculação insegura se associam a um aumento da vulnerabilidade para as dinâmicas abusivas (e.g., Godbout, et. al., 2016, 2009; Dumas, et. al., 2008; Valdez, Lilly & Sandberg, 2012). A este respeito, é possível constatar a diferença entre ambos os padrões inseguros de vinculação, ansioso e evitante. Se por um lado, um (padrão ansioso) é caracterizado por uma extrema necessidade de proximidade, incitada pelo medo da perda e rejeição, acompanhada por elevado ciúme, necessidade de segurança e controlo do parceiro, antagonicamente, o outro (padrão evitante) prima pela extrema necessidade de distanciamento, igualmente incitada pelo medo de rejeição, aspeto comum a ambos os padrões de vinculação (Allisson, et. al., 2008; Godbout, et. al., 2016). Um outro aspeto partilhado pelos padrões ansioso e evitante, consiste na extrema dificuldade que apresentam ao nível da gestão das necessidades de vinculação do próprio e do outro na relação. Esta dificuldade é, muitas vezes, expressa ao nível das dinâmicas relacionais, resultando a *posteriori* em pontos de tensão entre o casal, que culminam frequentemente numa escalada de violência (Brennan & Shaver, 1995, Hare, Miga, & Allen, 2009). Por sua vez, a dificuldade que os sujeitos ansiosos e evitantes possuem em reconhecer e expressar as suas necessidades, leva a recorram a estratégias menos adequadas para fazer face às suas próprias necessidades e às necessidades do outro, conduzindo a uma detioração progressiva da relação conjugal (Allisson, et. al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Hare, Miga, & Allen, 2008). A capacidade que o sujeito

possui em gerir os conflitos influencia a passagem da tensão ao ponto de rutura. A este nível, as estratégias de resolução de problemas são determinantes, não só em plena situação de vitimação, mas também na sua prevenção (Godbout, et. al., 2016, 2009; Johnson, et. al., 2015; Levesque, et. al., 2009).

As associações existentes entre os abusos sofridos e o tipo de padrão de vinculação evidenciado pelos elementos do casal são, deste modo, influenciados pelas estratégias de regulação emocional. Sujeitos inseguros, contrariamente aos sujeitos que possuem padrões seguros de vinculação, apresentam maiores dificuldades em gerir adequadamente as suas emoções, apresentando, de igual modo, dificuldades em mobilizar recursos adaptativos face a um problema no seio da relação (Burk, & Seiffge-Krenke, 2015; Gormely & Lopez, 2010; Hare, Miga, & Allen, 2009; Johnson, et. al. 2015). A dificuldade em gerir e expressar adequadamente as emoções, acompanhada da dificuldade em gerir as diferentes necessidades da díade pode assim explicar o défice ao nível dos mecanismos de resolução de problemas, ao determinar que numa situação de tensão entre o casal, esta evolua facilmente para uma situação de violência (Allisson, et. al., 2008; Brennan & Shaver, 1995; Godbout, et. al., 2016, 2009; Hare, Miga, & Allen, 2009).

As dificuldades expressas ao nível da resolução de problemas associadas à vinculação num contexto de vitimação, não se prendem só com as díades. Neste sentido, a mulher, enquanto elemento singular, vivencia todo um conjunto de dificuldades ao nível da mobilização dos mecanismos que lhe permitem recorrer a estratégias de resolução de problemas adaptativas e eficazes em todo o processo de vitimação (Gormely, & Lopez, 2010; Levesque, et. al., 2009; Pascuzzo, Cyr, & Moss, 2012; Wei, & Mallinckrodt, 2003). Aqui verifica-se igualmente, que os padrões inseguros irão não só influenciar o recurso a este tipo de estratégias, bem como determinam a forma como os mecanismos de resolução de problemas não são só percebidos, mas igualmente mobilizados, determinando assim as ações da vítima neste contexto de vitimação.

Recorrendo a uma amostra de mulheres vítimas de violência no contexto de um relacionamento amoroso, recrutadas em centros de atendimento às vítimas e em casas abrigo, o presente estudo propôs-se concretizar os seguintes objetivos: i) Caracterizar a amostra em termos de experiência de vitimação; ii) Comparar participantes em termos das estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa, em função da relação com o agressor (atual parceiro ou ex-parceiro); iii) Analisar a

associação entre as diferentes dimensões de vinculação psicológica e as diferentes estratégias de resolução de problemas; iv) comparar as participantes com diferentes protótipos de vinculação em termos das estratégias de resolução de problemas.

Considerando a literatura acima explanada para o primeiro objetivo espera-se que a violência psicológica e física sejam o tipo de violência que mais predomina. Espera-se igualmente que o agressor seja um ex-companheiro considerando os locais de recolha da amostra. Para o segundo objetivo, espera-se obter diferenças entre as participantes ao nível das estratégias de resolução de problemas em função da relação com o agressor, esperando que as vítimas cujo agressor é um atual companheiro mobilizem estratégias mais focadas no problema. No que respeita às relações de vinculação espera-se encontrar diferenças em termos da vinculação amorosa entre as mulheres que ainda se encontram na relação com o agressor e aquelas que já abandonaram a relação.

MÉTODOS

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra deste estudo é não probabilística, intencional, constituída por 57 mulheres vítimas de violência conjugal (física, psicológica, verbal e/ou sexual) utentes de centros de apoio à vítima ou que se encontravam em regime de casa abrigo, com idades compreendidas entre os 19 e os 76 ($m = 42,63$; $DP = 13,31$).

No que se refere à situação laboral, verifica-se que a maioria das participantes se encontrava desempregada, e pertence ao distrito do Porto. Relativamente às habilitações literárias é possível constatar que a grande maioria da amostra (75%) possuía o Ensino Primário ou Básico de escolaridade. Em contraste, apenas uma reduzida percentagem menciona possuir o Ensino superior. Quanto ao estado civil, verifica-se à data do estudo, a maior percentagem de participantes era divorciada, ou estava separada (37,5%).

Por fim, no que respeita ao número de filhos verifica-se que, em média, as participantes tinham entre um e dois filhos (55,4%), correspondendo a uma média de 2,16 ($DP = 1,37$). Apenas uma percentagem bastante reduzida menciona ter cinco e seis filhos, respetivamente.

Tabela 1 -

Caracterização sociodemográfica da amostra

		Percentagem válida	Total (N)
Situação laboral	Desempregada	56,1	
	Empregada	26,3	
	Reformada/Aposentada	14,0	
	Trabalhador/Estudante	1,8	
Distribuição Geográfica	Porto	54,7	
	Braga	26,3	
	Aveiro	3,6	
	Coimbra	3,6	
	Leiria	1,8	
	Lisboa	1,8	
	Viana do Castelo	1,8	
Habilitações Literárias	2º ciclo (Ensino Básico – 6º Ano)	28,1	
	3º ciclo (Ensino Básico – 9º Ano)	24,6	
	1º ciclo (Ensino Primário)	22,8	
	Ensino Secundário	21,1	
	Ensino Superior	3,5	
Estado Civil	Divorciada/Separada	35,7	
	Casada/União de Facto	30,3	
	Solteira	28,6	
	Viúva	5,4	
Número de Filhos	2	28,6	
	1	26,8	
	4, 5 e 6	19,7	
	3	16,1	
	0	8,9	

Instrumentos de avaliação

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico utilizado no presente estudo foi construído tendo como objetivo principal a recolha de dados para fins de caracterização sociodemográfica. Este questionário é composto por 22 questões, com opções de resposta aberta, dicotômica ou de múltipla escolha. As questões estão organizadas em duas partes: uma primeira referente à informação pessoal da participante e uma segunda parte que agrega o conjunto de questões referentes à experiência de vitimação na infância. As informações requisitadas às participantes na primeira parte do questionário incluíam todos os dados que concernem à informação relativa à idade, data de nascimento, género, distrito de residência, habilitações literárias e situação laboral. Adicionalmente são solicitadas às participantes informações relativas ao estado civil, número de filhos, número de relacionamentos anteriores e a sua satisfação quanto aos relacionamentos amorosos. Na segunda parte é apresentado um conjunto de questões relativas à experiência relacional na infância, nomeadamente quanto à existência ou não de violência na família de origem (vitimação direta da participante por parte dos pais (figuras análogas) ou outro familiar), procurando-se igualmente saber o tipo de violência e a existência ou não de denúncia. (Anexo 1).

Questionário de Experiência de Vitimação

O Questionário de Experiência de Vitimação foi um instrumento construído para o efeito de recolher dados relativos à experiência de vitimação da participante. O instrumento é composto por 17 questões, com opção de resposta aberta, dicotômica e de múltipla escolha. As informações solicitadas às participantes compreendem informações relativas à relação com o agressor, duração da relação, local do crime, a coabitação ou não com o agressor, frequência dos abusos, continuidade dos abusos e duração dos abusos. De forma particular, são solicitadas informações acerca dos abusos perpetrados como o tipo de violência em sentido estrito (p.ex: violação ao domicílio, devassa da vida privada), o tipo de violência em sentido lato (p. ex: maus tratos físicos, psicológicos), e em casos de existência de violência física quais as suas características. É ainda questionado à participante dados relativos à existência ou não de denúncia, o

denunciante, número de denúncias caso existam, a vivência de abusos em relações anteriores e por fim são questionadas quanto a idas hospitalares decorrentes dos abusos. (Anexo 2).

O Inventário de Resolução de Problemas

O Inventário de Resolução de Problemas (IRP, Vaz Serra, 1988) é um instrumento unidimensional de autorrelato que permite avaliar as estratégias de coping dos sujeitos.

O instrumento apresenta na sua composição três tipos de situações: Dano, Desafio e Ameaça. Estas situações estas que representam “cenários que pudessem acontecer a qualquer pessoa, em dada altura da sua vida”, cujas consequências são suscetíveis de se prolongar no tempo e de envolverem aspetos interpessoais (Vaz, Serra, 1988, p.305). Todas as questões representam uma forma particular de reação do sujeito, quando pressionado por um agente stressor. Neste sentido, é solicitado aos sujeitos que leiam atentamente as situações – problema apresentadas, respondendo posteriormente às questões que reflitam a sua maneira mais provável de agir.

A escala de resposta é de tipo Likert com cinco pontos, tendo o 1 como valor mínimo, variando entre “Não Concordo” e “Concordo MUITÍSSIMO”. Alguns itens do instrumento apresentam uma cotação inversa. Os seguintes itens 3, 8, 15, 17, 26, 31, 32, 33, 34, 36, 40, são cotados pela ordem normal, os restantes cotados na ordem inversa. Os resultados totais são obtidos pelo somatório dos itens que compõem o instrumento, sendo que quanto maior o valor obtido pelo sujeito, melhor se supõe que sejam as estratégias de coping por este utilizadas. Neste sentido o valor total poderá oscilar entre os 40 e 200.

Além de um resultado total, também podem ser obtidos resultados em nove fatores: Fator 1 – *Pedido de Ajuda*, (itens 5, 11, 18, 20 e 26); Fator 2 – *Confronto e Resolução ativa de problemas* (itens 21, 31, 32, 33, 34, 36 e 40); Fator 3 – *Abandono passivo perante a situação* (itens 1, 2 e 7); Fator 4 – *Controlo interno/externo dos problemas* (itens 6, 12, 14, 30, 35, 37, 38 e 39); Fator 5 – *Estratégias de controlo das emoções* (itens 23, 24, 25 e 29); Fator 6 – *Atitude ativa de não interferência da vida quotidiana pelas ocorrências* (itens 3, 8, 9 e 13); Fator 7 – *Agressividade internalizada/externalizada* (itens 27 e 28). O Fator 8 – *Auto-responsabilização e medo*

das consequências (itens 4, 10, 16 e 19) e o Fator 9 – *Confronto com o problema e planificação da estratégia* (itens 15, 17 e 22).

O IRP apresenta uma boa consistência interna apresentando um coeficiente de Spearman-Brown .86. Salienta-se ainda a boa estabilidade temporal do instrumento, tendo este apresentado uma correlação de teste/reteste de .80 num intervalo de quatro semanas. A consistência interna do instrumento para o presente estudo de $\alpha = .754$. Mais concretamente, verificam-se os seguintes valores de *alpha* para os nove fatores do instrumento: Fator 1 $\alpha = - .57$; Fator 2 $\alpha = - .69$; Fator 3 $\alpha = - .56$; Fator 4 $\alpha = - .55$; Fator 5 $\alpha = - .54$; Fator 6 $\alpha = - .65$; Fator 7 $\alpha = - .62$; Fator 8 $\alpha = - .51$ e o Fator 9 $\alpha = - .66$.

Questionário de Vinculação Amorosa – QVA

O questionário de Vinculação Amorosa (QVA, Matos & Costa, 2001a, versão revista) é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a relação amorosa, no adolescente e no adulto, tendo por base uma abordagem dimensional e prototípica da vinculação.

É composto por cinquenta e dois itens com uma escala de resposta tipo Likert de seis pontos (variando entre “Discordo completamente” a “Concordo Completamente”). Ao participante é solicitado que este “identifique as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação que tem com o(a) seu(sua) namorado(a)”, pelo que o questionário se centra numa relação específica, podendo esta ser, caso exista, a atual ou aquela que no passado foi a mais duradoura (Matos, Barbosa & Costa, 2001, p.99). No presente estudo foi solicitado às participantes que se focassem na relação abusiva mais recente (para o caso de ter existido mais do que uma relação abusiva).

O primeiro fator Confiança é constituído por doze itens (1, 5, 12, 14, 17, 19, 24, 29, 35, 37, 42, 49 e 52) que refletem as representações que o sujeito possui relativamente à responsividade do seu companheiro amoroso, no que concerne às suas necessidades. Isto é, o companheiro é percebido como uma base segura provedora de apoio e confiável, potenciando assim os esforços de exploração dos sujeitos em diversos contextos.

O fator Dependência, igualmente composto por doze itens (2, 6, 10, 15, 21, 22, 25, 32, 33, 38, 43, 47 e 50), traduz a percepção que os sujeitos possuem relativamente à necessidade de proximidade física e emocional, ansiedade de separação e medo da perda do companheiro.

O fator Evitamento é composto por 13 itens (3, 7, 11, 16, 18, 23, 27, 30, 34, 40, 44, 45 e 51) e reflete a percepção do sujeito quanto ao papel secundário do seu companheiro no que concerne à satisfação das suas necessidades. Por outras palavras, o sujeito percebe-se como capaz na resolução dos seus problemas e na remoção dos obstáculos que potencialmente poderão surgir, não apresentando necessidade de recorrer ao parceiro amoroso. Todos os itens constituintes desta dimensão se encontram associados ao protótipo de vinculação Desinvestido.

Por fim, o fator ambivalência é constituído por nove itens (4, 8, 9, 13, 20, 26, 28, 31, 36, 39, 41, 46 e 48) representando a insegurança dos sujeitos face ao par amoroso, quer esta seja expressa por via de uma forte irritabilidade perante situações imprevisíveis ou expressa pela via da dúvida quanto ao seu papel enquanto par amoroso, focando, assim, as emoções que o sujeito possui relativamente ao parceiro.

No que respeita à consistência interna, o QVA apresenta um *alpha* de Cronbach elevado variando nas diferentes escalas entre .75 e .90., com valores na amostra feminina superiores aos da amostra masculina. No presente estudo o instrumento apresenta um *alpha* de Cronbach de .85. De forma particular, o fator Desconfiança apresenta um *alpha* $\alpha = .38$, o fator Dependência apresenta um *alpha* $\alpha = .55$, o fator Evitamento por sua vez apresenta um *alpha* a rondar valores de $\alpha = .71$ e o fator Ambivalência apresenta um *alpha* de $\alpha = .31$.

PROCEDIMENTOS

Procedimentos de investigação

O protocolo de investigação era composto por três elementos: i) uma ficha informativa do estudo, anexa ao consentimento informado, onde estavam todas as informações consideradas pertinentes; ii) um questionário de experiência de vitimação; e iii) uma bateria de instrumentos composta pelo questionário sociodemográfico, QVA e IRP.

Na ficha informativa do estudo encontravam-se explanadas todas as informações inerentes ao estudo, tais como i) os objetivos do estudo, ii) a sua descrição do estudo, nomeadamente em termos dos critérios de inclusão na amostra bem como os instrumentos a serem preenchidas, iii) potenciais riscos esperados, iv) benefícios imediatos, v) confidencialidade, vi) custos de participação e vii) base de participação.

O Questionário de Experiência de Vitimação foi construído de modo a que este pudesse ser preenchido pelo técnico responsável pela sua passagem, em conjunto com a participante ou recorrendo aos dados informativos já obtidos pela instituição acerca da participante, após o consentimento da mesma.

Após a seleção dos instrumentos considerados necessários e pertinentes para a construção da bateria de provas, realizou-se uma pequena passagem teste a um elemento aleatório não incluído na amostra de modo a que se pudesse monitorizar o processo, cronometrando o tempo de instrução e de preenchimento dos instrumentos. Assim sendo, definiu-se como tempo médio para as passagens 50/60 minutos podendo em alguns casos, o processo exceder o período de tempo definido. A passagem teste visou não só estipular um tempo base para o processo da passagem do protocolo, mas igualmente automatizar todo o processo. Mais se acrescenta, que a passagem teste teve ainda por objetivo tentar antecipar potenciais dificuldades e obstáculos no processo, sendo que estas dificuldades e obstáculos poderiam ser relativos às participantes ou ao investigador.

Importa ainda salientar, que a cada protocolo foi atribuído um código numérico que se encontrava nos três elementos constituintes do protocolo. Esta atribuição foi feita tendo por base os pressupostos éticos da confidencialidade e anonimato.

Após a finalização dos procedimentos inerentes ao desenho do estudo, incluindo a construção do protocolo de investigação. Iniciaram-se os contactos com instituições, previamente seleccionadas e cujo âmbito de trabalho visasse a intervenção junto de mulheres vítimas de violência conjugal. Todas as instituições foram contactadas telefonicamente, tendo-se explicado sinteticamente o projeto dadas indicações relativas aos objetivos do estudo e à população alvo. Este primeiro contacto tinha por objetivo iniciar a abordagem às instituições no sentido de solicitar a colaboração das mesmas.

Após os contactos telefónicos, e por solicitação das instituições, seguiram-se contactos via e-mail para explanação de todas as informações inerentes ao estudo e envio do protocolo de investigação a aplicar no processo de recolha de dados. Após anuência por parte da instituição era definido com os psicólogos das mesmas (mediadores deste estudo) os detalhes quanto ao processo de aplicação do protocolo.

A primeira abordagem às potenciais participantes, onde era solicitada a sua colaboração voluntária no estudo, era realizada pelos técnicos das instituições. Nesta altura eram salvaguardadas todas as questões relativas à confidencialidade e anonimato. A investigadora apenas tinha contacto com as utentes da instituição que já tinham previamente aceitado colaborar no estudo.

Foram consideradas elegíveis para o presente estudo todas as mulheres com idade superior a 18 anos que soubessem ler e escrever português fluentemente e que tivessem recorrido a serviços de apoio a mulheres vítimas de violência conjugal, ou que estivessem em regime de casa abrigo. Definiram-se adicionalmente os seguintes critérios de exclusão: i) não serem considerados os primeiros atendimentos; ii) as participantes não podiam estar em momento de crise.

Cada sessão para a administração dos questionários era iniciada com uma breve clarificação acerca do estudo e da temática em causa, informações acerca do âmbito do estudo e da instituição responsável pelo mesmo, dos responsáveis pelo estudo, bem como outras informações consideradas pertinentes como os critérios de inclusão na amostra, as questões relativas à confidencialidade e carácter voluntário do estudo seguia-se a aplicação do protocolo de investigação. O tempo médio para o preenchimento de cada protocolo é de cerca de 50/60 minutos, sendo que este tempo poderia ser menor ou superior consoante as participantes em questão.

Procedimentos de análise estatística

Para o presente estudo, utilizou-se o IBM SPSS Statistics Data Editor para a concretização da análise dos dados estatísticos. Para a concretização do primeiro objetivo realizaram-se análises descritivas, usando medidas de frequência e descritiva (média, desvio padrão, percentagens e valores máximos e mínimos).

Para a concretização do segundo objetivo foram realizadas duas MANOVAS independentes no sentido de verificar se existiam diferenças significativas entre as participantes cujo agressor era o atual companheiro versus ex-companheiro, no que respeita às estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação, respetivamente. Neste objetivo alterou-se a variável que classificava o agressor, optando-se por agrupar as opções existentes em dois grupos, mais concretamente atual companheiro e ex-companheiro.

Para o terceiro objetivo realizou-se uma correlação de Pearson no sentido de analisar as potenciais associações entre as estratégias de resolução de problemas e as dimensões de vinculação.

Por fim, para a concretização do quarto e último objetivo foi realizada uma análise de clusters através do K-Mean Cluster, para a constituição dos protótipos de vinculação amorosa. Estas análises foram seguidas da implementação de um MANOVA com o intuito de analisar as diferenças nas estratégias de resolução de problemas das participantes em função do seu protótipo de vinculação.

RESULTADOS

i) Caracterização da experiência de vitimação das participantes

Nesta secção de dados pretende-se apresentar os resultados inerentes a todas as variáveis referentes à experiência de vitimação. No que respeita ao tipo de relação com o agressor, o agressor era o cônjuge em 25% dos casos, namorado em 1,8%, companheiro em 8,9%, ex-cônjuge em 14,3%, ex-namorado em 12,5% e ex-companheiro em 37,5%. Na sua maioria, os maus-tratos ocorriam apenas na residência comum entre vítima e agressor (70,2%), sendo que em 16,2% dos casos os maus-tratos ocorriam em mais do que um local. 12,5% das participantes menciona ter sido vítima de algum tipo de maus-tratos em via pública. Quanto às características temporais relativas à violência perpetrada verifica-se que na sua grande maioria a violência é continuada, tendendo a acontecer diariamente na generalidade dos casos (Tabela 2).

Tabela 2 -

Caracterização do Agressor e da Frequência e Continuidade dos Maus-Tratos (N = 57)

Variável		%
Tipo de relação com o agressor	Ex-companheiro	64,3
	Atual companheiro	35,7
Vivia com o agressor à data do estudo:	Não	91,2
	Sim	8,8
Frequência dos Maus-Tratos	Diariamente	63,0
	Mensalmente	20,4
	Semanalmente	16,7
Violência é:	Continuada	93,0
	Não continuada	7,0

Relativamente à duração da vitimação, verifica-se que em média a duração vitimação era de aproximadamente 10 anos (DP = 141,71; min = 2 meses; máx. = 46 anos). Os maus-tratos psicológicos e os maus-tratos verbais surgem como os tipos de maus-tratos mais apontados pelas vítimas, sendo os maus-tratos de natureza sexual os menos reportados (ver Tabela 3). Em 96,8% dos casos verificava-se a existência de

vitimação múltipla, sendo que, na sua larga maioria, as participantes haviam sofrido quatro ou mais tipos de vitimação. (ver Tabela 3).

Tabela 3 -
Caracterização do tipo de violência perpetrada

Variável	%	
Maus Tratos Físicos	Sim	66,7
	Não	33,3
Maus Tratos Psicológicos	Sim	98,2
	Não	1,8
Maus Tratos Verbais	Sim	91,2
	Não	8,8
Maus Tratos de Natureza Sexual	Sim	22,8
	Não	77,2
Ameaça/Coação	Sim	75,4
	Não	24,6
Injúrias/difamação	Sim	75,4
	Não	24,6
Vitimação Singular		3,5
	2 Tipos de Maus Tratos	10,6
	3 Tipos de Maus Tratos	8,8
Vitimação Múltipla	4 ou mais Tipos de Maus Tratos	77,4

Relativamente ao processo da queixa/denúncia, verifica-se que na maioria dos casos havia sido participada queixa/denúncia. Em média verifica-se que o número de queixas/denúncias apresentadas havia sido de 1,84 (DP = 1,30), verificando-se que 78,5% dos casos havia sido apresentada uma ou duas queixas/denúncias na sua maioria pelas vítimas (Tabela 4).

Tabela 4 -

Caracterização processo de Queixa/Denúncia

Variável		%
Existência de Queixa/Denúncia	Sim	91,1
	Não	8,9
Número de Queixas/Denúncias	1	56,9
	2	21,6
	3	11,8
	4	3,9
	6	3,9
	7	2,0
Quem efetuou a Queixa/Denúncia	A própria	90,2
	Outra pessoa	9,8

No que concerne a questões relativas aos relacionamentos, verifica-se que o número médio de relacionamentos das participantes foi de 2,16 (DP = 1,19), sendo que, na sua maioria, as participantes tiveram entre um e dois relacionamentos, o que corresponde, mais concretamente, a 72,2% da amostra. Salienta-se, ainda, que apenas uma participante mencionou ter tido seis relacionamentos, tendo este sido apontado como o máximo de relacionamentos. Apenas uma pequena parte das participantes menciona ter vivenciado algum tipo de violência numa relação amorosa anterior (Tabela 5). Os dados mostram que, na sua maioria, as participantes mencionaram nunca ter recebido cuidados hospitalares decorrentes de uma agressão. Uma percentagem relativamente mais baixa menciona ter necessitado de cuidados hospitalares decorrentes de uma agressão por parte do parceiro amoroso. Das participantes que haviam recorrido a cuidados hospitalares, na sua maioria, as participantes tinham recorrido pelo menos uma vez a este tipo de cuidados (N =17) (Tabela 5).

Tabela 5 -

Vitimação anterior e cuidados hospitalares decorrentes dos Maus-Tratos

Variável		%
Em relações anteriores vivenciou episódios de violência?	Sim	17,9
	Não	82,1
Já foi internada ou recebeu cuidados hospitalares decorrentes de agressões?	Sim	32,1
	Não	67,9
	1	52,9
	2	11,8
	3	11,8
	4	11,8
Quantas vezes necessitou de cuidados hospitalares?	6	5,9
	30	5,9

ii) **Comparar participantes cujo agressor é o atual companheiro vs. ex-companheiro em termos das estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa.**

Analisando a Tabela 6 é possível constatar que não se verificam diferenças significativas ao nível das estratégias de resolução de problemas entre as participantes cujo agressor é o atual ou ex-companheiro. Salientando-se a exceção das estratégias de confronto com o problema e planificação e planificação da estratégia onde se verificam diferenças entre as participantes, onde as participantes cujo parceiro é um atual companheiro evidenciam resultados mais elevados comparativamente às participantes cujo agressor é um ex-companheiro. Verificando-se que as participantes tendem a mobilizar este tipo de estratégias quando o agressor é o atual companheiro. Já no que concerne às dimensões do QVA verifica-se apenas que na dimensão Ambivalência as participantes possuem diferenças entre si, verificando-se que as participantes cujo agressor é o atual companheiro evidenciam igualmente resultados mais elevados relativamente ao das participantes cujo agressor é o ex-companheiro. Estes resultados demonstram que as participantes cujo agressor é um atual companheiro apresentam níveis de ambivalência superiores aos das participantes cujo agressor é um ex-companheiro. Aqui foram considerados os valores marginalmente significativos.

Tabela 6 -

Estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa cujo agressor é o atual vs ex-companheiro: MANOVAs

Tipo de variável	Classificação da variável	Relação com o agressor	Média e desvio padrão	F	Sig.
Variável dependente/ Estratégias de Resolução de Problemas	Pedido de ajuda	Ex-companheiro	M = 18,80; DP = 3,27	,69	,41
		Atual companheiro	M = 14,05; DP = 3,26		
	Confronto e Resolução ativa de Problemas	Ex-companheiro	M = 19,52; DP = 3,39	,62	,44
		Atual companheiro	M = 20,25; DP = 3,12		
	Abandono passivo perante a situação	Ex-companheiro	M = 12,47; DP = 2,97	1,16	,29
		Atual companheiro	M = 11,55; DP = 3,25		
	Controlo interno/externo dos problemas	Ex-companheiro	M = 27,33; DP = 5,37	1,28	,26
		Atual companheiro	M = 25,55; DP = 6,10		
	Estratégias de controlo das emoções	Ex-companheiro	M = 14,72; DP = 3,61	0,67	,80
		Atual companheiro	M = 15,00; DP = 4,27		
	Atitude ativa de não interferência da vida quotidiana pelas ocorrências	Ex-companheiro	M = 10,47; DP = 2,32	,72	,40
		Atual companheiro	M = 11,00; DP = 2,02		
	Agressividade internalizada/ externalizada	Ex-companheiro	M = 9,52; DP = ,90	1,16	,29
		Atual companheiro	M = 9,15; DP = 1,72		
Auto-responsabilização e medo das consequências	Ex-companheiro	M = 15,72; DP = 3,87	,58	,45	
	Atual companheiro	M = 14,90; DP = 3,89			
Confronto com o problema e planificação da estratégia	Ex-companheiro	M = 10,36; DP = 2,58	5,97	*,018	
	Atual companheiro	M = 12,00; DP = 2,05			
Variável independente/ Dimensões de vinculação	Desconfiança	Ex-companheiro	M = 37,61; DP = 7,36	,94	,33
		Atual companheiro	M = 39,60; DP = 7,32		
	Dependência	Ex-companheiro	M = 23,77; DP = 7,22	1,69	,20
		Atual companheiro	M = 26,76; DP = 9,74		
	Evitamento	Ex-companheiro	M = 51,11; D = 14,14	,01	,90
		Atual companheiro	M = 50,65; DP = 13,91		
	Ambivalência	Ex-companheiro	M = 39,55; DP = 11,71	3,90	,054
		Atual companheiro	M = 46,10; DP = 12,21		

Nota *Valores significativos $p < .05$; **valores muito significativos $p < .01$; ***valores altamente significativos $p < .001$.

iii) Associação entre as diferentes dimensões de vinculação psicológica e as diferentes estratégias de resolução de problemas.

Na tabela acima é possível verificar que no que respeita às dimensões da vinculação, apenas a Desconfiança possui valores significativos de associação relativamente às estratégias de resolução de problemas. Mostrando, mais concretamente, associações com os fatores Confronto e Resolução de problemas, Agressividade internalizada/externalizada e Confronto com o problema e planificação da estratégia. Não se verificam, no entanto, associações entre as restantes dimensões da vinculação e as estratégias de resolução de problemas.

Tabela 7-

Associação entre as estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa: Correlação de Pearson

Dimensões do IRP	Dimensões do QVA			
	Desconfiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
Pedido de ajuda	,068	-,062	-,165	-,190
	,614	,649	,220	,156
Confronto e Resolução de problemas	,266*	,070	,201	,195
	,046	,607	,133	,146
Abandono passivo perante a situação	,159	,112	,073	,075
	,236	,408	,590	,577
Controlo interno/externo dos problemas	,000	-,011	-,020	-,212
	,998	,937	,884	,113
Estratégias de controlo das emoções	,058	-,064	,090	-,140
	,667	,636	,504	,300
Atitude ativa de não interferência da vida quotidiana pelas ocorrências	-,052	-,043	-,117	,047
	,702	,752	,385	,726
Agressividade internalizada/externalizada	,273*	,150	,168	,150
	,040	,264	,212	,266
Auto-responsabilização e medo das consequências	,052	-,160	,002	-,056
	,704	,234	,986	,681
Confronto com o problema e planificação da estratégia	,324*	,013	,243	,195
	,014	,924	,069	,146

Nota. *Valores significativos $p < .05$.

iv) Comparar as participantes com diferentes protótipos de vinculação em termos das dimensões de vinculação amorosa e estratégias de resolução de problemas

A tabela 8 apresenta os valores resultantes da análise de Cluster realizada no sentido de obter os protótipos de vinculação amorosa. Os protótipos de vinculação foram calculados posteriormente a partir dos procedimentos do artigo de validação, verificando-se que o Cluster 1 corresponde ao protótipo Preocupado (N=11), o Cluster 2 ao protótipo Desinvestido (N=18), o Cluster 3 ao protótipo Seguro (N=17) e por fim o Cluster 4 corresponde ao protótipo Amedrontado (N=11). Considerando a tabela, verifica-se que o protótipo Preocupado possui níveis mais elevados de ambivalência, desconfiança e evitamento, e valores mais baixos de dependência. O Cluster 2, possui os níveis mais elevados de evitamento, seguido de níveis elevados de ambivalência e desconfiança. De todos os Clusters é o que possui valores mais baixos de dependência, correspondendo assim ao protótipo Desinvestido. O Cluster 3, evidencia valores intermédios em todas as dimensões quando comparado com os restantes Clusters, correspondendo desta forma ao protótipo Seguro. Por fim, o Cluster 4 permite-nos verificar a existência de elevados níveis ambivalência, evitamento e desconfiança. No entanto, difere do Cluster 1 na medida em que possui valores mais elevados nas dimensões mencionadas. Assim sendo, o Cluster 4 corresponde ao protótipo Amedrontado.

Tabela 8-
Análise de Clusters

	Cluster			
	1	2	3	4
Desconfiança	38.45	39.06	33.41	45.45
Dependência	29.64	21.11	21.12	33.00
Evitamento	39.09	65.11	39.47	55.36
Ambivalência	47.09	41.39	28.53	59.36

Quando comparadas as participantes em função do protótipo de vinculação não se verificam diferenças significativas ao nível das estratégias de resolução de problemas (cf. Tabela 9).

Tabela 9-

Comparação das participantes com diferentes protótipos de vinculação amorosa relativamente às estratégias de resolução de problemas: MANOVA.

Variável dependente	(i) Protótipos de vinculação	(j) Protótipos de vinculação	Sig.
Pedido de ajuda	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
Confronto e resolução ativa dos problemas	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	.180
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	.180
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000

Continuação da Tabela anterior

Abandono passivo perante a situação	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	.993
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	.993
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
Controlo interno/externo dos problemas	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	.637
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	.550
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	.637
		Desinvestido	.550
		Seguro	1.000
Estratégias de controlo das emoções	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000

Continuação da Tabela anterior

Atitude ativa de não interferência da vida cotidiana pelas ocorrências	Preocupado	Desinvestido	.381
		Seguro	.914
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	.381
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	.914
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
Agressividade internalizada/ externalizada	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	.839
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	.839
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
Auto-responsabilização e medo das consequências	Preocupado	Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Desinvestido	Preocupado	1.000
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	1.000
	Amedrontado	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Seguro	1.000

Continuação da Tabela anterior

Confronto com o problema e planificação da estratégia	Preocupado	Desinvestido	.362
		Seguro	1.000
		Amedrontado	.124
	Desinvestido	Preocupado	.362
		Seguro	1.000
		Amedrontado	1.000
	Seguro	Preocupado	1.000
		Desinvestido	1.000
		Amedrontado	.435
	Amedrontado	Preocupado	.124
		Desinvestido	1.000
		Seguro	.435

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo teve como objetivos: i) caracterizar a experiência de vitimação das participantes; ii) Comparar as participantes cujo agressor é o atual versus ex-companheiro em termos das estratégias de resolução de problemas e dimensões de vinculação amorosa; iii) Analisar a associação entre as diferentes dimensões de vinculação amorosa e as diferentes estratégias de resolução de problemas; iv) Comparar as participantes com diferentes protótipos de vinculação em termos das estratégias de resolução de problemas.

Os resultados obtidos evidenciam de uma forma geral que os maus-tratos psicológicos e os maus-tratos verbais tendem a ser os mais experienciados pelas participantes. Por sua vez, os maus-tratos de natureza sexual tendem a ser os menos vivenciados pelas participantes. A violência tende a ser continuada e caracterizada por uma vitimação múltipla onde as participantes relatam ter vivenciado mais do que um tipo de violência. Relativamente ao segundo objetivo, verifica-se que existem diferenças entre as participantes cujo agressor é o atual companheiro comparativamente às participantes cujo agressor é o ex-companheiro ao nível das estratégias de resolução de problemas, apenas para o fator de confronto com o problema e planificação da estratégia. O mesmo cenário se verifica ao nível das dimensões de vinculação amorosa, onde se verificam diferenças apenas para a dimensão de ambivalência. Quanto ao terceiro objetivo, verifica-se que existem associações significativas apenas entre os fatores Confronto e resolução de problemas, Agressividade internalizada/externalizada e Confronto com o problema e planificação da estratégia e as dimensões de vinculação amorosa. Não se verificaram associações com as restantes estratégias de resolução de problemas. Por fim, o quarto e último objetivo, evidencia dois aspetos: i) os protótipos que mais se destacam da análise de Clusters são os protótipos Seguro e Desinvestido; e ii) não se verificam diferenças significativas ao nível das estratégias de resolução de problemas entre as participantes quando comparadas em função do protótipo de vinculação.

O objetivo de caracterizar as participantes em termos da experiência de vitimação foi construído com o intuito de criar um perfil relativamente à mulher vítima de violência, em termos da sua experiência de vitimação. Os resultados obtidos permitiram verificar que, na sua grande maioria, o agressor era um ex-companheiro

(64,3%). Estes dados demonstram ser opostos aos dados apresentados pelos relatórios nacionais (APAV, 2014; RASI, 2014, 2015, 1026) e internacionais (FRA, 2014). De acordo com os dados apresentados pelos relatórios anteriormente mencionados a violência tende a ser majoritariamente perpetrada por um companheiro atual e em menores proporções por um ex-companheiro. Contudo, esta discrepância nos dados recolhidos pode ser explicada pelo facto de, na sua grande maioria, a amostra do estudo ser composta por mulheres que viviam à altura do estudo em regime de casa abrigo, estando assim afastadas do agressor. Tal parece ser reforçado pelo facto de as vítimas participantes que recorrem a instituições como a APAV tendem a ainda estar na relação com o agressor, procurando a instituição como meio de obter apoio. Facto este que se verificou no presente estudo, onde as participantes que relataram ainda estar na relação com o agressor eram utentes de centros de apoio à vítima.

Verifica-se um padrão quanto ao local onde a violência é perpetrada, sendo que na maioria dos casos a violência tende a ocorrer na residência comum do casal, apresentando um padrão de continuidade. Quanto ao tipo de violência perpetrada verifica-se uma enorme prevalência da violência psicológica, seguida da violência verbal. A violência física surge numa representação mais baixa, sendo a violência sexual a que menos prevalece. As ameaças/Coação e as Injúrias/Difamação surgem ambas com uma representação similar podendo ambas ser enquadradas na violência psicológica e verbal. Os dados obtidos pelo presente estudo são fortemente corroborados pelas estatísticas nacionais onde é possível constatar segundo o RASI (2016), que é a violência psicológica que toma maiores proporções (82%) seguindo-se da violência física (68%). Também segundo o RASI (2016) a violência sexual é a que assume menor proporção (9%). A literatura mostra ainda que a violência psicológica é maior nas relações em que o agressor é um ex-companheiro, sendo que a violência física se manifesta com maior evidência nas relações em que o agressor é o atual companheiro (RASI,2016). Ainda no que respeita à tipologia dos maus-tratos verifica-se que na sua grande maioria os casos apresentam um padrão de vitimação múltipla sendo assim caracterizados pela existência de mais do que um tipo de violência perpetrada, evidenciando-se os casos onde se verificam quatro ou mais tipos de violência.

Importa salientar que na sua grande maioria, as participantes não haviam sofrido de maus-tratos em relações anteriores, um dado pertinente de se analisar uma vez que a

literatura demonstra que as mulheres tendem a vivenciar mais do que uma relação abusiva, quando apresentam um historial de mais do que um relacionamento amoroso. Os dados deste estudo permitem ainda verificar que a maioria das participantes havia apresentado queixa/denúncia da situação pelo menos uma vez, tendo sido a própria vítima a efetuar a denúncia. Dados estes que podem ser explicados pelo facto de as participantes terem sido recrutadas em serviços de apoio à vítima e em casas abrigo, onde lhes é facultado apoio no sentido de efetuarem a queixa/denúncia dos factos. Verificou-se ainda que uma percentagem considerável das participantes menciona ter recebido cuidados hospitalares pelo menos uma vez. As estatísticas por este estudo utilizadas não nos permitem corroborar este último aspeto, uma vez que estes dados relativos à necessidade de cuidados hospitalares, não estavam contemplados nos relatórios utilizados.

Neste segundo objetivo levou-se a cabo duas MANOVAS no sentido de verificar a existência de diferenças significativas entre as participantes cujo agressor era o atual versus o ex-companheiro ao nível das estratégias de resolução de problemas e ao nível das dimensões de vinculação. Neste sentido os dados obtidos por este estudo mostraram que: i) existem diferenças entre as participantes cujo agressor é o atual companheiro comparativamente às participantes cujo agressor é o ex-companheiro, ao nível das estratégias de resolução de problemas. Verificando-se que as participantes cujo agressor é o atual companheiro possuem valores mais elevados ao nível do fator Confronto e planificação da estratégia; ii) por sua vez ao nível das dimensões de vinculação, verificam-se diferenças apenas ao nível da Ambivalência. Num cenário semelhante, verifica-se que as participantes cujo agressor é o atual companheiro tendem a apresentar valores mais elevados de ambivalência relativamente às participantes cujo agressor era o ex-companheiro. Em ambas as MANOVAS as diferenças evidenciadas, demonstraram que as participantes cujo agressor é o atual companheiro apresentam valores mais elevados relativamente às restantes participantes cujo agressor é o ex-companheiro. Verificando-se assim, que as participantes cujo agressor é o atual companheiro são mais ambivalentes relativamente à relação com o agressor e possuem uma maior mobilização de estratégias de confronto com o problema e planificação da estratégia. Não se verificaram, no entanto, mais diferenças significativas entre ambos os grupos.

A análise da literatura na área permite-nos corroborar o impacto das estratégias de *coping*, nomeadamente as estratégias de confronto e planificação. Assim sendo, verifica-se que as estratégias de *coping* se traduzem num fator explicativo da violência em relações amorosas, podendo funcionar como um fator de risco contribuindo para uma potencial revitimização (Iverson, et al., 2013). Mais concretamente, verifica-se que as estratégias de confronto tendem a reduzir o risco de revitimização relativamente a episódios de violência física. É possível constatar que mulheres que possuem níveis elevados de estratégias de confronto, tendem a possuir riscos mais baixos de revitimização. No entanto, este tipo de estratégias tendem igualmente a ser adotadas pelas mulheres enquanto permanecem na relação. Recorrendo a este tipo de estratégias de confronto de uma forma particular e idiossincrática, planeando formas seguras de confrontar e se defenderem do agressor, planeado igualmente estratégias de fuga das agressões ou até mesmo da relação (Rizo, 2016). Neste sentido, é possível compreender o facto de as participantes que à data do estudo se encontravam na relação com o agressor, pontuarem valores mais elevados ao nível das estratégias de resolução de problemas. Salienta-se ainda, que as mulheres que estavam ainda com o agressor, encontravam-se todas em acompanhamento nos centros de apoio à vítima no sentido de iniciarem o processo de rutura da relação. O facto de terem sido as participantes a procurarem estes serviços mesmo estando na relação com o agressor, pode ser um fator explicativo adicional. Salientando-se ainda a importância a este nível de estratégias como a resolução de problemas, reestruturação cognitiva, a expressão emocional bem como a procura de suporte social (idem). Neste sentido, e de acordo com os resultados obtidos neste estudo, é possível constatar a importância de determinadas estratégias de *coping* ao nível da relação com o agressor. Sendo que estas estratégias podem funcionar como ponto manutenção ou abandono da relação por parte da mulher. De acordo com Rizo (2016) as estratégias de *coping* utilizadas pelas mulheres que vivenciam episódios de violência, tendem a estar associadas a fatores stressores idiossincráticos da situação. Salientando-se assim as estratégias de resistência bem como de desafio, considerando ainda estratégias como planificação da segurança da vítima, e ainda estratégias relacionadas com o próprio agressor (estratégias que a vítima usa como meio de lidar com o agressor na situação abusiva), como por exemplo manter o afastamento e a calma junto do agressor. Estes dados são assim congruentes com os resultados encontrados neste estudo, onde as estratégias de planificação se demonstraram mais frequentes em mulheres cujo agressor era o atual companheiro. Um estudo de Sabina e Tindale (2008)

mostra a importância dos recursos que a mulher dispõe ao nível das estratégias de *coping*. Neste sentido verificaram que mulheres que dependiam financeiramente do agressor tinham menor probabilidade de abandonar o mesmo. Tendo os autores (idem) concluído que mulheres que experienciaram algum tipo de abuso, tendem a estar envolvidas em estratégias de *coping* focadas no problema. Este aspeto foi possível constatar no estudo, nomeadamente nas participantes que se encontravam desempregadas ou que eram reformadas e que por sua vez necessitavam do apoio financeiro do agressor, experienciando assim maiores dificuldades em abandonar a relação devido à fragilidade em termos financeiros. Para muitas das participantes, esta dificuldade foi colmatada apenas quando iniciaram os seus percursos em casa abrigo onde tinham as necessidades de alojamento e alimentação suprimidas e podiam encontrar um emprego.

Numa segunda MANOVA foi-nos possível verificar a existência de diferenças marginalmente significativas entre as participantes cujo agressor era o atual companheiro versus ex-companheiro, verificando-se que as participantes cujo agressor era o atual companheiro pontuavam níveis mais elevados de Ambivalência. Embora os resultados não sejam altamente significativos, eles permitem-nos concluir que as participantes cujo agressor é o atual companheiro demonstram uma maior ambivalência ao nível das necessidades de vinculação relativamente ao companheiro. Estes dados parecem ser corroborados pela literatura acerca da temática. De acordo com os autores Brennan e Shaver (1995) verifica-se uma associação entre a regulação emocional e a relação com o parceiro amoroso, sendo que a frustração dos sujeitos relativamente ao parceiro se encontra associada próprias frustrações do parceiro, à ambivalência de sentimentos e insegurança deste. Recorrendo a sete escalas que avaliassem pontos-chave associados com problemas relacionados a vinculação. Neste sentido os autores procuraram avaliar: a) a frustração e raiva relativamente ao parceiro amoroso; b) procura de proximidade física e emocional relativamente ao parceiro; c) auto-confiança na gestão do stress e de doença, em vez de procurar a ajuda do parceiro amoroso; d) ambivalência relativamente aos sentimentos do parceiro; e) confiança; f) medo de abandono; e g) necessidade intensa de proximidade, reciprocidade, tempo e atenção por parte do parceiro (idem). Com isto, os autores pretenderam analisar os padrões de vinculação na forma como estes gerem as suas necessidades emocionais dentro da relação. Um dos pontos verificados prende-se com os sujeitos ansiosos-ambivalentes,

verificando-se estes se demonstram mais frustrados dentro das suas relações. Estes sujeitos tendem ainda ser mais ciumentos e ambivalentes. Estes sujeitos tendem ainda a ser ambivalentes relativamente aos seus próprios sentimentos, verificando uma incerteza relativamente aos sentimentos que possuem pelas figuras de vinculação neste caso o parceiro amoroso (Brennan & Shaver, 1995). Estes dados corroboram assim os dados encontrados neste estudo, onde se verifica uma maior ambivalência ao nível da vinculação amorosa relativamente ao parceiro amoroso quando este é o atual companheiro. Facto que pode ser explicado pela forma como os sujeitos gerem as suas necessidades e emoções dentro da sua relação amorosa.

Para este terceiro objetivo, pretendeu-se analisar as associações entre as diferentes dimensões de vinculação amorosa (Dependência, Ambivalência, Evitamento, Desconfiança) e as diferentes estratégias de resolução de problemas do IRP. As análises estatísticas realizadas permitiram-nos verificar que apenas a Desconfiança possuía uma relação positiva com as estratégias de resolução de problemas de Confronto com o problema e planificação da estratégia, Agressividade internalizada/externalizada e Confronto e resolução de problemas. Verifica-se assim que maiores níveis de desconfiança ao nível da vinculação amorosa, potenciam o recurso a estratégias de confronto, aumentando ainda o recurso à agressividade internalizada/externalizada como meio de gerir a desconfiança ao nível da vinculação. Sujeitos que possuem uma maior desconfiança ao nível da vinculação tendem a ser mais ciumentos e inseguros quanto à relação amorosa (Hazan, & Shaver, 1987; 1994).

As associações entre as demais estratégias de *coping*, como a regulação emocional, e a vinculação amorosa são um ponto discutido ao longo deste estudo. Como já mencionado anteriormente, parceiros inseguros tendem a apresentar uma maior insegurança e desconfiança para com o parceiro amoroso, aumentando assim os ciúmes bem como a frustração relativamente à relação (Brennan & Shaver, 1995). Estes autores sugerem ainda que sujeitos com padrões de vinculação insegura tendem ainda a apresentar baixos níveis de confiança relativamente ao parceiro amoroso. No entanto, os autores sugerem igualmente, que sujeitos evitantes tendem a apresentar maiores níveis de frustração relativamente à relação e ao parceiro amoroso. No entanto, no nosso estudo essa frustração relativamente à relação e ao parceiro amoroso podem ser compreendidas pelo recurso a estratégias como o aumento da agressividade para com o parceiro. Contrariamente aos dados apontados pela literatura, no nosso estudo não foi

possível verificar relações positivas entre as dimensões Evitante e Ambivalência na vinculação relação e as estratégias de resolução de problemas. Salientando-se igualmente, que se esperavam encontrar relações positivas entre as três dimensões de vinculação que correspondem aos padrões de vinculação amorosa insegura e as demais estratégias de coping. A ausência destes resultados pode estar associada ao pequeno número de elementos da amostra.

No quarto e último objetivo do estudo, realizou-se uma análise de clusters no sentido de em primeiro lugar obter os padrões de vinculação utilizados pelo modelo teórico a que este estudo recorreu, analisando posteriormente a existência de associações entre os protótipos de vinculação amorosa e as estratégias de resolução de problemas. Este objetivo permitiu-nos a recolha de várias conclusões. Uma primeira conclusão prende-se com a composição da amostra em termos dos padrões de vinculação verificando-se uma ligeira predominância dos padrões Desinvestido (n=18) e Seguro (n=17). Estes dados não deixam de ser em parte contraditórios com o que a literatura nos tem mostrado, considerando o número de participantes que demonstraram possuir um vínculo seguro ao agressor. Estes resultados podem estar associados a vários fatores: i) ao facto de uma pequena percentagem da amostra mencionar estar ainda na relação com o agressor; ii) o facto de não estarem ou não na relação com o agressor não invalida que não o percebam como responsivo quanto às necessidades que as participantes possuem ao nível da vinculação. Não obstante, o instrumento utilizado para avaliar a vinculação amorosa demonstrou ser de difícil compreensão e preenchimento de acordo com o relato de algumas participantes, tendo sido igualmente necessário a eliminação de alguns protocolos devido ao preenchimento incorreto do mesmo. Verificou-se na análise de dados, a existência de uma resposta tendencialmente negativa, tendo as participantes respondido com base nos números da escala de resposta, havendo uma enorme tendência no recurso ao número 1 que corresponde ao “Discordo completamente”. A literatura (Doumas, et al., 2008; Godbout, et al., 2009) evidencia que ao nível da violência conjugal os padrões inseguros, ansioso e evitante, são os que mais se salientam por parte das mulheres vitimizadas. Quer estes padrões sejam preditores da vivência ou interpretação da violência por parte da mulher (idem). De acordo com Allison e colaboradores (2008), os padrões ansioso e preocupado correspondem aos protótipos de vinculação que mais se evidenciam ao nível das relações caracterizadas por padrões abusivos.

Este último objetivo visou ainda analisar as associações entre os protótipos de vinculação e as demais estratégias de resolução de problemas. Os dados obtidos demonstram que não existem associações positivas entre os protótipos de vinculação e as estratégias de resolução de problemas. Desta forma para este objetivo, não se verificaram as conclusões esperadas, não se podendo corroborar os dados apontados pela literatura. Esperava-se que os padrões de vinculação inseguros evidenciassem associações positivas com as estratégias de resolução de problemas, nomeadamente as estratégias de confronto, controlo e regulação emocional e a agressividade internalizada/externalizada. A este respeito a literatura mostra que mulheres com padrões de vinculação inseguros tendem não só a experienciar mais dificuldades em mobilizar estratégias de *coping* de uma forma eficaz, tendendo por sua vez a mobilizar estratégias focadas no problema (Hare, Miga, & Allen, 2009; Rizo, 2015). De acordo com Sabina e Tindale (2008) mulheres que sofreram de violência por parte do parceiro, tendem a recorrer a estratégias focadas no problema como por exemplo a procura de apoio social. Sendo ainda possível constatar que as relações caracterizadas por padrões abusivos estão associadas a padrões de vinculação inseguros.

Limitações do estudo

Em primeiro lugar, a baixa representatividade da amostra parece ter condicionado a análise dos dados apresentados, não nos permitindo obter dados significativos e representativos da eventual realidade da população geral, ou seja, não nos permitem a generalização dos mesmos. Estudos futuros, devem ponderar atender a esta questão, procurando numa eventual replicação do estudo obter representatividade da amostra de modo a obter dados significativos e representativos, e de modo a verificar se se confirmam os dados por este estudo obtidos. Uma segunda limitação prende-se com as dificuldades de interpretação de algumas questões, algo que aconteceu quer para o IRP quer para o QVA. Tornou-se mais fácil ler as questões em voz alta com as participantes como meio de se colmatar potenciais dúvidas na interpretação. Atendendo especial cuidado a eventuais vieses, procurando-se influenciar o menos possível a passagem. Este processo ajudou igualmente a combater a fadiga inerente ao processo de preenchimento dos questionários, tendo-se verificado uma redução da concentração por parte das utentes na fase final do preenchimento. Esta limitação pode ser explicada pela

extensão do protocolo. Uma terceira limitação do estudo remete para o facto de uma pequena parte das passagens não ter sido realizada pela investigadora principal, tendo sido realizadas pelos psicólogos mediadores do estudo. Este aspeto tornou impossível o controlo de todas as variáveis inerentes ao processo de passagem do protocolo de investigação, dificultando igualmente o controlo de eventuais vieses. Na análise dos resultados, constatou-se a existência de protocolos considerados inválidos para análise, tendo estes sido excluídos e onde era igualmente possível constatar uma tendência negativa no preenchimento do instrumento. Sugere-se que em investigações futuras que pretendam avaliar a vinculação amorosa, existam critérios que permitam analisar a capacidade de compreensão dos participantes não só quanto à escala de resposta bem como das questões apresentadas. Sugere-se igualmente que em investigações futuras se analise a vinculação amorosa ao agressor considerando a situação em que a vítima se encontra. Ou seja, o facto de estarem em casa abrigo onde possuem o início de um projeto de vida, demonstra uma realidade diferente de uma vítima que recorra a instituições de apoio à vítima mas que ainda se encontra em processo de quebra de vínculo com o agressor. Verifica-se que o facto de muitas destas mulheres receberem acompanhamento psicológico pode influenciar a perceção que estas possuem não só do agressor, bem como da experiência abusiva. Tornando-se assim, este aspeto num ponto de interesse para análise em estudos futuros.

Conclusão e implicações práticas do estudo

Apesar das demais limitações apontadas anteriormente, este estudo vem contribuir para uma ampliação dos conhecimentos acerca das relações caracterizadas por padrões abusivos. Com especial ênfase no papel da vinculação amorosa em mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso. O estudo procurou não só analisar a importância dos contributos da vinculação amorosa, bem como os contributos das estratégias de resolução de problemas e as potenciais relações entre os constructos. Contrariamente a muitos estudos no âmbito da temática, este estudo possui a vantagem de usar uma amostra que recorre efetivamente a mulheres vítimas de violência pelo parceiro, não avaliando os constructos apenas com base na perceção dos sujeitos.

No que concerne aos resultados obtidos pelo estudo, estes permitiram constatar a influência das relações de vinculação, em termos de perfil experiência de vitimação,

este estudo permitiu concluir que na sua maioria as mulheres não haviam experienciado violência por parte dum parceiro em relações anteriores. À data do estudo, a maioria das participantes não se encontrava a viver com o agressor, sendo a violência perpetrada por um ex-companheiro. Verifica-se a prevalência da vitimação múltipla com ênfase na violência psicológica e verbal seguida das da violência física. O estudo permitiu ainda concluir que a violência tende a ser continuada com um padrão diário. Uma outra conclusão obtida por este estudo prende-se com a associação entre a relação com o agressor e as estratégias de *coping*, verificando-se uma associação entre a estratégia de confronto e planificação e a relação com o agressor quando este é o atual companheiro. Esta mesma associação surge, aquando analisada a associação entre a relação com o agressor e os estilos de vinculação, verificando-se uma associação entre o estilo de vinculação ambivalente com a relação a um atual parceiro. O estudo permite ainda concluir a existência de uma associação entre as estratégias de *coping* de controlo e planificação e a relação com o agressor, por parte das mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso. Verificando-se igualmente que nenhuma outra estratégia de *coping* parece desempenhar um papel significativo a este nível. Tornando-se assim fundamental a promoção das estratégias de *coping* ao nível da prevenção da violência por parte de um parceiro amoroso. Este estudo permite ainda concluir uma possível prevalência dos padrões de vinculação amorosa seguro e desinvestido em mulheres vítimas de violência relativamente ao parceiro amoroso. Por fim, os resultados do estudo não demonstram associações entre as estratégias de *coping* e os protótipos de vinculação. Factos que se poderão atribuir às limitações anteriormente mencionadas.

Importa ainda salientar o conjunto de implicações práticas que este estudo alcançou. Em primeiro lugar este estudo contribuiu para uma ampliação dos conhecimentos acerca do papel da vinculação amorosa em mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso. Não só foi explorado o papel da vinculação amorosa na experiência de vitimação, bem como se explorou o papel das estratégias de *coping* pela mulher utilizadas. Verificando-se assim, que a estratégia de Confronto com o problema e planificação das estratégias tende a ser a estratégia mais utilizada pelas mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso. Este estudo mostrou ainda uma associação entre o padrão de vinculação amorosa seguro das mulheres ao agressor. Esta associação verificou-se igualmente para o padrão de vinculação desinvestido. Tendo estes dois padrões sido os que maior prevalência apresentaram. Assim sendo, os

resultados do estudo permitem uma potencial utilidade desta informação na intervenção junto de mulheres vítimas de violência por parte do parceiro amoroso, trabalhando não só a consciencialização da mulher relativamente às estratégias de *coping* adaptativas, bem como trabalhar as dinâmicas relacionais tendo por base a vinculação amorosa ao agressor. O estudo permite igualmente adaptar os programas de intervenção no âmbito da problemática tendo por base a informação adquirida pelos dados do presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allison, C. J., Bartholomew, K., Mayseless, O., & Dutton, D. G. (2008). Love as a Battlefield: Attachment and Relationship Dynamics in Couples Identified for Male Partner Violence. *Journal of Family Issues*, 29(1), pp 125-150. Doi: 10.1177/0192513X07306980.
- APAV (2015). *Relatório anual de estatísticas 2015*.
- APAV. (2000). *Manual Alcipe: Para o atendimento de mulheres vítimas de violência*. Lisboa. ISBN 978-972-8852-35-1.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: na attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K. (1994). Assessment of Individual Differences in Adult Attachment. *Psychological Inquiry*, 5(1), 23-67.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*, 25-45, New York: Guilford Press.
- Bell, K. M., & Higgins, L. (2015). The Impact of Childhood Emotional Abuse and Experiential Avoidance on Maladaptive Problem Solving and Intimate Partner Violence. *Behavioral Sciences*, 5, pp 154-175. Doi: 10.3390(bs5020154).
- Bonache, H., Gonzalez-Mendez, R., & Krahé, B. (2016). Adult Attachment Styles, Destructive Conflict Resolution, and the Experience of Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, pp 1-23. Doi: 10.1177/0886260516640776.
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of Adult Attachment, Affect Regulation, and Romantic Relationship Functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin* 21(3), pp 267-283.

- Burk, W. J., & Seiffge-Krenke, I. (2015). One-side and mutually aggressive couples: Differences in attachment, conflict prevalence, and coping. *Child Abuse & Neglect*, 50, pp 254-266. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.08.011>.
- Doumas, D. M., Le Pearson, C., Elgin, J. E., & McKinley, L. L. (2008). Adult Attachment as a Risk Factor for Intimate Partner Violence: The “Mispairing” of Partners’ Attachment Styles. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(5). Doi: 10.1177/0886260507313526.
- Folkman, S., & Lazarus, R. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and Coping during three stages of a College examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(1), pp 150-170.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkell-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a Stressful Encounter: Cognitive Appraisal, Coping, and Encounter Outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*. 50(5), pp 992-1003.
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships*, 16, 365-384.
- Godbout, N., Daspe, M. E., Lussier, Y., Sabourin, S., Dutton, D., & Hérbet, M. (2016). Early Exposure to Violence, Relationship Violence, and Relationship Satisfaction in Adolescents and Emerging Adults: The Role of Romantic Attachment. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice and Policy*. <http://dx.doi.org/10.1037/tra0000136>.
- Gormely, B., & Lopez, F. G. (2010). Psychological Abuse Perpetration in College Dating Relationships: Contributions of Gender, Stress and Adult Attachment Orientations. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(2), pp 204-218. Doi: 10.1177/0886260509334404.
- Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational Transmission of Aggression in Romantic Relationships: The moderating Role of Attachment Security. *Journal of Family Psychology* 23(6), pp 808-818.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

- Iverson, K. M., Litwack, S. D., Pineles, S. L., Suvak, M. K., Vaughn, R. A., & Resick, P. A. (2013). Predictor of Intimate Partner Violence Revictimization: The Relative Impact of Distinct PTSD Symptoms, Dissociation, and Coping Strategies. *Journal of Traumatic Stress, 26*, 102-110.
- Johnson, W. L., Manning, W. D., Giordano, P. C., & Longmore, M. A. (2015). Relationship Context and Intimate Partner Violence From Adolescence to Young Adulthood. *Journal of Adolescence Health, 57*, pp 631-636.
- La Flair, L. N, Bradshaw, C. P., Mendelson, T., & Campbell, J. (2015). Intimate Partner Violence and Risk of Psychiatric Symptoms: the Moderating Role of Attachment. *Journal of Family Violence, 30*, pp 567-577. Doi: 10.1007/s10890-015-9681-2.
- Levesque, C., Lafontaine, M. F., Bureau, J. F., Cloutier, P., & Dandurand, C. (2010). The Influence of Romantic Attachment and Intimate Partner Violence on Non-Suicidal Self-Injury in Young Adults. *Journal of Youth Adolescence, 39*, pp 474-483. Doi: 10.1007/s1010964-009-9471-3.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systematic model and its implications for family Dynamics. *Family process, 41*, 405,434.
- Pascuzzo, K., Cyr, C., & Moss, E. (2013). Longitudinal association between adolescent attachment, adult romantic attachment, and emotion regulation strategies. *Attachment and Human Development, 15*(1), pp 83-103. Doi: 10.1080/14616734.2013.745713.
- Reich, C. M., Blackwell, N., Simmons, C. A., & Beck, J. G. (2015). Social problem solving strategies and posttraumatic stress disorder in the aftermath of intimate partner violence. *Journal of Anxiety Disorders, 32*, pp 31-37.
- Rizo, C. F. (2016). Intimate Partner Violence Related Stress and the Coping Experiences of Survivors: “There’s Only So Much a Person Can Handle”. *Journal of Family Violence, 31*, pp 581-593. Doi: 10.1007/s10896-015-9787-6.

- Sabina, C., & Tindale, R. S. (2008). Abuse Characteristics and Coping Resources as Predictors of Problem-Focused Coping Strategies Among Battered Women. *Violence Against Women* 14(4), pp 437-456. Doi: 10.1177/10778012083314831.
- Seiffge-Krenke, I., & Burk, W. J. (2015). The dark side of romantic relationships: Agression in adolescent couples and links to attachment. *Mental Health & Prevention*, 3, pp 135-142.
- Shechory, M. (2012). Attachment Styles, Coping Strategies and Romantic Feeling Among Battered Women in Shelters. *Interpersonal Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 57(4), pp 425-444. Doi: 10.1177/0306624X11434917.
- Valdez, C. E., Lilly, M. M., & Sandberg, D. A. (2012). Gender Differences in Attitudinal Acceptance of Intimate Partner Violence Perpetration Under Attachment-Relevant Contexts. *Violence and Victims*, 27(2). Doi: 10.1891/0886-6708.27.2.229.
- Wei, M., Heppner, P. P., Mallinckrodt, B. (2003). Perceived Coping as a Mediator Between Attachment and Psychological Distress: A Structural Equation Modeling Approach. *Journal of Counseling Psychology*, 50(4), pp 438-447. Doi: 10.1037/0022-0167.50.4.438.
- Weis, N. H., Duke., A. A., & Sullivan, T. P. (2014). Evidence for a curvilinear dose-response relationship between avoidance coping and drug use problems among woman who experience intimate partner violence. *Anxiety, Stress, & Coping* 27(6), pp 722-732. Doi: 10.1080/10615806.2014.899586.